

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LARISSA DA SILVA RODRIGUES

**ENSINO DE ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA: OS DESAFIOS DA LEI
10.639/2003 NA ATUALIDADE**

UBERLÂNDIA

2023

LARISSA DA SILVA RODRIGUES

**ENSINO DE ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA: OS DESAFIOS DA LEI
10.639/2003 NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Graduação em
História - Licenciatura e Bacharelado - pela
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Lainister de Oliveira
Esteves

UBERLÂNDIA

2023

LARISSA DA SILVA RODRIGUES

**ENSINO DE ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA: OS DESAFIOS DA LEI
10.639/2003 NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Graduação em História – Licenciatura e Bacharelado – pela Universidade Federal de Uberlândia.

Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves (INHIS/UFU) – Orientador

Prof. Dr. – Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Profa. Dra. Iara Toscano Correa

Uberlândia, 24 de Novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a toda minha família que permaneceu ao meu lado durante toda minha trajetória acadêmica e acreditou em todo o processo me apoiando e depositando sua confiança em mim, aos meus pais e irmãs o meu muito obrigada. Gostaria também de agradecer ao meu orientador Lainister por ter toda a paciência comigo e me guiar durante essa pesquisa com muito conhecimento, sabedoria e uma maestria que me fez persistir e confiar ainda mais em meu trabalho. As minhas amigas Júlia Lima, Júlia Mesquita e Taynara Machado a minha sincera gratidão por durante todos esses anos sempre ouvir meus desabafos, me aconselhar, confortar e dar a coragem necessária para nunca desistir. Sem todos vocês eu com certeza não conseguiria concluir essa longa trajetória .

RESUMO

Desde a implantação da lei federal brasileira 10.639/03, sabe-se que o ensino de História da África e cultura afrobrasileira tem enfrentado vários desafios no que diz respeito ao total cumprimento desse decreto de forma abrangente e levando impacto real para a vida dos estudantes. Assim, busca-se compreender melhor quais os principais desafios da atualidade, como eles se apresentam e quais as possíveis soluções para que se possa alcançar o objetivo proposto levando em consideração que essa norma faz parte de uma luta em busca de uma reparação histórica para com a população negra tratando de forma correta sua trajetória e luta auxiliando assim na construção de uma sociedade mais respeitosa e orgulhosa de sua diversidade racial e cultural.

Palavras-chave: História da África, racismo estrutural, lei, ensino, currículo.

ABSTRACT

Since the implementation of law 10.639/03, it is known that the teaching of African History and Afro-Brazilian culture has faced several challenges with regard to full compliance with this decree in a comprehensive manner and having a real impact on the students' lives. Therefore, this text seeks to better understand the main challenges of today, how they present themselves and what are the possible solutions so that the proposed objective can be achieved, taking into account that this standard is part of a struggle in search of historical reparation for the the black population, treating their trajectory and struggle correctly, thus helping to build a society that is more respectful and proud of its racial and cultural diversity.

Keywords: History of Africa, structural racism, law, teaching, resum.

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	13
CAPÍTULO 2	31
CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA	57
LINKS	59

Introdução

Esta pesquisa nasceu de uma inquietação no que diz respeito ao ensino da África e História Afro-brasileira. Durante todo o período acadêmico foi possível obter experiências relacionadas ao ensino atual brasileiro, através de conversas, pesquisas e estágios realizados em escolas que nos permitiram notar o contraste entre o que se estudava sobre a história brasileira e a forma como alguns fatos são levados para a sala de aula. Desse modo, tendo a oportunidade de ter contato direto com o ensino atual, foi possível perceber suas complicações e características.

Também foi possível durante a formação obter conhecimentos necessários para se entender a problemática que envolve toda essa questão. Assim, tendo aprendido sobre História da África de acordo com o viés acadêmico, autores e pesquisadores relacionados ao tema e também tendo a oportunidade de vivenciar tal realidade dentro das salas de aula, surge uma inquietude em explorar o assunto mais a fundo localizando os principais pontos de descontentamento e assim refletindo sobre mudanças necessárias para que se tenha um melhor ensino de História especialmente no que tange às temáticas relacionadas ao continente africano e suas relações.

É possível afirmar que as escolas são órgãos de suma importância para a formação de crianças e jovens em todos os âmbitos. Desde muito cedo as instituições escolares são responsáveis por promover conhecimento, auxiliando no desenvolvimento da cidadania e na formação profissional dos alunos. É importante ressaltar também que as escolas não somente ensinam aos alunos sobre diversas matérias, como também são instrumentos importantes para a criação de laços sociais e para o aprendizado da vida em sociedade. Portanto, é importante que se tenha em mente como a convivência e o ensino promovido pode e irá ajudar na formação desses indivíduos, buscando assim uma educação de qualidade que forme pessoas conscientes e com amplo senso crítico.

A educação brasileira passa por vários desafios no que diz respeito ao ensino de História dada a formação de nosso país, seu desenvolvimento e a constituição do povo brasileiro. Tendo em vista que o Brasil é um país diversificado cultural e etnicamente, espera-se que durante o aprendizado sobre sua história, essa diversidade seja debatida e respeitada não apenas para compreender o passado de nosso território, mas também para ter conhecimento sobre a formação atual de nossa sociedade. Assim, é de extrema

importância que o ensino de história seja tratado com amplitude, agregando todos os povos aqui presentes e respeitando sua história.

É preciso considerar, no entanto, que o Brasil é estruturalmente um país racista. Esse racismo vem sendo um grande problema tanto para o estudo da história brasileira quanto para a vivência de indivíduos negros na comunidade, visto que a discriminação racial influencia diretamente em suas condições de vida e trabalho, além de acarretar grandes traumas e descontentamentos devido a marginalização socialmente produzida.

Dessa forma, notando que essa realidade constatada afeta grande parte da população brasileira, se faz necessário não somente que esse quadro seja alterado para um ambiente mais respeitoso, aberto à diferenças, mas também que haja uma reparação histórica que reconheça importância dos negros na trajetória brasileira, valorizando seus feitos, costumes e lutas. Assim, o ensino da história da África e afro brasileiros se apresenta como uma estratégia para que possamos realizar esses feitos, reparando certas condições sociais produzidas pelo passado escravagista.

No que diz respeito ao racismo é preciso entender um pouco mais sobre a forma como ele se encontra estruturado em nossas formas sociais e como podemos combater essa realidade. O autor Silvio de Almeida¹ nos traz em sua obra denominada “Racismo Estrutural” uma ampla visão de como o conceito surgiu, como podemos entender nossa sociedade a partir dessa visão e como podemos também nos desvincular desse paradigma. Buscando entender melhor essa problemática voltamos à formação da palavra racismo, que deriva da palavra raça. Quanto a isso, o autor nos esclarece:

“Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*.” (ALMEIDA, 2019, p. 20)

Assim, o termo pode ser usado para representar características sociais, e a situação de um indivíduo posicionamento dentro da comunidade. O racismo estrutural se caracteriza por um modo de funcionamento social que promove desigualdade e exclusão.

¹ Silvio Luiz de Almeida nasceu em 1976 em São Paulo onde se graduou, realizou mestrado e doutorado em Direito e também cursou Filosofia. É advogado, jurista, filósofo, ministro dos direitos humanos e da cidadania e um dos pensadores brasileiros mais importantes da atualidade. Principal voz contra o racismo estrutural, ele escreveu sobre o tema, mas possui também outras vertentes de pesquisa como ativismo judicial.

Portanto, consideras as dinâmicas do racismo estrutural tão presente em nossa sociedade, as instituições que compõem a sociedade precisam ser pensadas de acordo com esta lógica. Segundo Silvio de Almeida:

“em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas tidas como “normais” em toda a sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 39)

A escola por exemplo, sendo uma instituição tão importante para a nossa realidade e que apresenta uma influência tão grande sobre tantas crianças e jovens precisa mostrar-se como um órgão abrangente, respeitoso capaz de acolher todas as diversidades.

Por isso, essa pesquisa tem como objetivo analisar como se dá não somente o ensino de história da África e cultura afro brasileira dentro de uma escola selecionada para trabalho de campo na cidade de Uberlândia, como também pensar como o ambiente escolar trata a questão do racismo e o que faz para combater tais atos, visto que, como dito acima, é muito importante notar qual o posicionamento das instituições e qual exemplo ela dá aos que dela participam Assim, analisando a questão através de pesquisas feitas sobre o tema e realizando uma pesquisa de campo, foi possível tirar conclusões sobre o ensino e entender todo o viés dessa problemática na prática trazendo seus pontos fortes e também seus maiores desafios.

Para desenvolver esse trabalho, a escola escolhida foi então a escola estadual Frei Egidio Parisi, pois era um campo onde já havia abertura por meio de contatos para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida nesse local. Com pouco mais de 1800 alunos matriculados, a escola apresenta uma diversidade étnica muito grande composta por alunos brancos, pardos e negros. Embora os negros não sejam maioria dentre o corpo discente, é possível observar que há uma grande parcela de pessoas pertencentes a essa raça estudando na escola. Assim, esse fato também torna interessante a escolha do local para que a pesquisa fosse realizada.

Quanto a metodologia, foi tida como forma de chegar aos resultados, primeiro a pesquisa de uma bibliografia que nos ajudasse a entender melhor sobre o assunto, analisando também os resultados que outros profissionais encontraram em pesquisas de campo em escolas espalhadas pelo Brasil, bem como após essa etapa, estar presente dentro dos

limites da escola estadual e analisar os quesitos necessários para a construção da pesquisa, identificar as problemáticas e os pontos fortes daquele local em questão.

Assim, no primeiro capítulo do trabalho escrito, será analisado e discutido os trabalhos analisados para a construção da discussão, pontuando dessa forma quais são os principais desafios enfrentados no ensino de História da África, como eles se apresentam e já existem soluções plausíveis para que possamos corrigir esses erros. Ademais, no segundo capítulo traremos então a experiência vivida dentro da pesquisa de campo entendendo as principais características da escola escolhida e como ela se apresenta diante de todas as questões analisadas no primeiro capítulo.

Capítulo 1

A relação entre Brasil e África vai muito além do que conhecemos por meio dos livros didáticos e conteúdos estudados durante o período escolar. É uma relação baseada em séculos de entrosamento entre ambos os continentes que resultou não somente na exploração de negros, mas deu origem ao que viria posteriormente a se tornar uns dos países mais diversificados étnica, social e culturalmente.

Pensar nas relações entre africanos e brasileiros abrange vários fatores que ultrapassam o que a história tradicional nos conta, que deixa de fora desdobramentos e consequências originadas dessa relação que precisam ser analisadas e problematizadas, para que possamos compreender a realidade atual na qual estamos inseridos, realidade essa que acarreta vários problemas no que diz respeito a vivência de afro-brasileiros na sociedade atual.

Olhando para o povo brasileiro de uma forma geral é possível facilmente constatar que a maioria dos indivíduos que compõem esse grupo são afro-brasileiros ou pessoas que possuem em sua árvore genealógica alguma ancestralidade vinda de povos africanos. Isso porque observando as relações estabelecidas durante a criação desse país fica evidente que o povo negro que veio para cá auxiliou não somente a desenvolver a economia brasileira como também ajudou a construir a nação que conseguimos ver hoje. Assim, é importante entendermos de forma abrangente a história desse grupo de pessoas tão importante para a história do Brasil.

Quando pensamos em conhecimento automaticamente lembramos do período escolar que cada pessoa passa durante sua formação como estudante e como indivíduo. Sabe-se que grande parte da aprendizagem vem da instituição escolar que é frequentada por tantos anos a fio. Dessa forma, entende-se que a escola exerce um papel fundamental na formação do pensamento de cada um, não só dentro da área em que o indivíduo deseja aprofundar seu estudo, mas também nas formas de pensamento e relações que irá travar com outras pessoas.

Assim, é fundamental entendermos como se dá o ensino da história africana bem como da cultura afro brasileira nas escolas pois assim conseguiremos ter uma visão de como tal assunto está sendo tratado dentro de sala de aula e como os alunos estão sendo preparados para lidar com essa questão dentro dos muros da instituição e principalmente fora deles, em suas relações pessoais no meio em que estão inseridos.

Não obstante, observar como esses tópicos são tratados nos ajuda também a entender como a história está sendo ensinada. Se continuamos persistindo em contar a história sempre através da visão dos dominantes, aqueles que possuem poder e exercem sua vontade sobre outros, ou se estamos analisando a história das minorias que tem muito a acrescentar em nosso conhecimento sobre a sociedade atual.

Veremos então como o ensino da história afro brasileira está sendo desenvolvido dentro das escolas e como esse assunto é visto por alunos e por todo o corpo docente da escola. Ademais, gostaríamos de analisar também como o estudo desse tópico tem sido tratado na formação dos docentes, preparando os mesmos para lidar com essa discussão dentro de sala de aula, pois, sabemos que muitas vezes tal assunto pode gerar conflitos e situações que precisam ser tratadas com delicadeza e sensibilidade, pois é importante que o professor domine o assunto para que possa atuar da melhor forma.

Acerca do ensino de história africana e cultura afro-brasileira sabemos que durante muito tempo houve uma grande barreira impossibilitando que tais assuntos fossem abordados dentro dos conteúdos escolares, barreira essa formada por preconceitos enraizados na sociedade que por muito tempo acreditou que a história desses povos não merecia ser estudada como parte fundamental do aprendizado dos estudantes. Para vencer essa barreira criou-se em 2003 a lei 10.639/03², que tornava obrigatório o ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa lei altera o paradigma brasileiro existente até então que não possibilitava que tais pautas fossem tratadas dentro da sala de aula e desenvolvida como conteúdos que deveriam ser prioritariamente tratados.

“A aprovação e a paulatina implementação dessa legislação, fruto das pressões sociais e proposições do movimento negro brasileiro, juntamente com os demais aliados da luta antirracista, sinaliza avanços na efetivação de direitos sociais educacionais e implica o reconhecimento da necessidade de superação de imaginários, representações sociais, discursos e práticas racistas na educação escolar. Implica, também, uma postura estatal de intervenção e construção de uma política educacional que leve em consideração a diversidade e que se contrapõe à presença do racismo e de seus efeitos, seja na política educacional mais ampla, na organização e funcionamento da educação escolar, nos currículos da formação inicial e continuada de professores, nas práticas pedagógicas e nas relações sociais na escola.” (GOMES e JESUS, 2013, p. 22)

² Altera a lei Nº [9.394](#), de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências.

Essa lei é um passo concretizado e muito importante, mas que não representa por si só o início da luta que estamos travando aqui. Podemos considerar que essa briga para que houvesse uma mudança na forma de ensino vem de anos atrás por gerações que buscaram uma realidade menos racista e uma sociedade mais respeitosa no que diz respeito a sua própria História. Sociedade essa que precisa ser alterada desde a raiz, cortando esse problema de vez a começar pela formação de crianças e jovens dentro das escolas a partir de uma dinâmica de conhecimento que abranja a luta e caminhada dos negros que ajudaram na formação e desenvolvimento de nosso país.

Para a execução dessa lei, já em 2004 foram apresentadas dentro das diretrizes curriculares³, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”⁴ que explicam as mudanças que seriam feitas e suas intenções. Essa lei é parte de uma tentativa de resgate histórico onde busca-se repensar a história brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, abrange também em seu texto que a lei promulgada em 2003, possui um teor para além da reparação histórica buscando iniciar mudanças necessárias dentro da sociedade atual brasileira.

“A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais e sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.” (BRASIL, 2004, p.11)

Nota-se então, que essa lei possui uma importância para a reparação do passado histórico brasileiro bem como para o presente e realidade que vivemos atualmente e também para o futuro que queremos criar para nosso país, visando construir uma sociedade consciente que não cometa os mesmos erros do passado e passe finalmente a

³ As Diretrizes Curriculares nacionais são normas obrigatórias para a Educação Básica que orienta as instituições escolares em seu planejamento curricular.

⁴ Documento constituído por princípios, orientações, e fundamentos para o planejamento de aulas que abordam toda a temática étnico-racial e buscam promover uma educação com relações positivas e respeitadas.

aceitar a diversidade da cultura brasileira como algo positivo, algo que pode ser aproveitado para promover boas práticas e enriquecer nossos laços sociais e culturais.

“Após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil busca efetivar a condição de um Estado democrático de direito com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, contudo, ainda possui uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, que, historicamente, enfrentam dificuldades para o acesso e a permanência nas escolas.” (BRASIL, 2004, p. 7)

Após essa promulgação que busca fazer esse resgate histórico, dá-se início a um processo de adaptação escolar e curricular para que esse assunto pudesse começar a ser tratado dentro das salas de aula. O intuito trazido por essa lei é de que desde a sua implantação fosse possível obter conhecimento sobre os povos afro-brasileiros de forma abrangente nas matérias de humanidades já trabalhadas durante o ensino. Porém, por se tratar de uma grande mudança que provocou debates e questões sobre sua forma de aplicação, é possível perceber que há uma diferença de grande proporção entre aquilo que é proposto no papel e aquilo que realmente é possível de ser realizado, de forma que, mesmo com mais de uma década da promulgação dessa lei ainda encontramos grandes desafios ao pensarmos no ensino de história africana e afro-brasileira.

No entanto vemos que embora os docentes estejam amparados por uma lei que permite que esse ensino aconteça, a teoria funciona muito melhor que a prática, pois vários empecilhos são vistos durante a caminhada o que nos leva a pensar o que impede que essa lei seja realmente contemplada dentro dos muros das instituições escolares. Levanta-se então a questão do motivo por trás da falha e nas várias barreiras incluindo a sociedade, o preconceito e o pensamento colonial enraizado na educação dos mais velhos se mostram presentes. Dessa forma, o próprio documento apresentado pelo MEC, que visa amparar os profissionais da educação, afirma:

“para reeducar as relações étnico raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e os medos que se têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente” (2004, p. 14)

Durante os primeiros anos da promulgação dessa lei é possível constatar que o Ministério da Educação tentou auxiliar para que as instituições pudessem desenvolver o conhecimento que seria passado através de uma nova perspectiva, reconhecendo que apareceriam várias dificuldades no caminho e buscando trazer para a luta órgãos menores

que pudessem juntos construir um trabalho visando uma melhor implantação dos ideais propostos pela lei como nos mostra Hanna Karoline Macedo de Lima:

“No entanto, para facilitar a implementação da lei 10.639/03 o Ministério da Educação (MEC) vem criando políticas e programas voltados para a valorização da diversidade sociocultural, como por exemplo, o CNE (Conselho Nacional de Educação), que por sua vez estabeleceu que o conselho de educação dos municípios, estados e distritos federais devem se responsabilizar e regulamentar, como também desenvolver as diretrizes previstas pela lei. Embora a lei não estabeleça prazo para a sua implementação das diretrizes, mas existe uma determinação prevista pelo plano nacional para que as metas sejam cumpridas até o ano de 2015. Com a implantação da lei 10.639/03, é possível garantir um tempo específico, à carga horária nas instituições de ensino para a produção de estudos e atividades sobre o tema, todavia é preciso superar as dificuldades para implantar de verdade as exigências da lei em seus currículos.” (LIMA, 2016, p. 12)

Após observar essa tentativa do MEC em tentar disseminar de forma mais rápida e efetiva essa nova formulação notamos que ainda há muito a ser feito a respeito do ensino de História africana e afro-brasileira, de forma que, a execução rápida da lei promulgada ainda enfrenta desafios. Isso nos mostra que embora seja um tópico de extrema importância para a educação brasileira, é algo que precisa ser mais trabalhado e analisado para que possamos finalmente implantar essas diretrizes. Para isso, é preciso então compreender e buscar formas de se reparar cada uma das barreiras que estão presentes entre o atual ensino de História e aquele que lutamos e almejamos.

Olhando para o quadro geral da situação há vários fatores que precisam ser levados em consideração se quisermos entender o motivo pelo qual o estudo dessa história não é facilmente aplicado dentro dos muros das instituições escolares. É preciso pensar na formação docente que possibilitou que os professores estivessem em sala de aula, em como essa formação foi e ainda é em muito dos casos defasada com relação ao aprendizado de História da África no ensino superior. Pensamos também em como esses tópicos são tratados nos livros didáticos, quanto eles aparecem nessa ferramenta que auxilia o estudante e de que forma é apresentada para ele. Além disso, mesmo não sendo o único problema encontrado nessa questão, precisamos pensar em como mesmo com a existência de uma lei que ampara e prevê o ensino desse conteúdo, ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa que se recusa a reconhecer e respeitar o fato de que vivemos em um país diversificado etnicamente.

“É possível ver que há limitações quanto a aplicabilidade da lei 10.639/03 nas escolas e em sala de aula, e vários são os fatores que limita a temática chegar até os educandos, citamos a seguir: a falta de formação inicial ou continuada para os docentes trabalhar a temática, gerando assim o desconhecimento e

despreparo de alguns professores sobre o assunto; a falta de interesse da própria escola em levar adiante o estudo do tema; e o pouco material existente.” (LIMA, 2016, p. 22)

Quando falamos de História da África e de afrodescendentes, não estamos falando apenas de mais um conteúdo a ser estudado, nos referimos a um assunto que vem do passado e apresenta relação direta com nosso presente e futuro. Não se trata apenas da história e fatos que aconteceram no passado, mas de um entendimento sobre a nossa sociedade atual. Dessa forma, devia ser um assunto abordado com maior atenção e detalhamento. Ao invés disso, a realidade que temos visto atualmente nos mostra que nem sempre esse assunto é trabalhado em sala de aula e nas ocasiões em que isso ocorre é frequentemente de forma limitada, apresentando versões que trazem os africanos sempre como escravos e mercadorias, mas nunca como agentes de mudança na história e pessoas dignas de reconhecimento.

É fundamental reconhecermos a importância da abordagem dessa temática para a nossa sociedade de modo geral. A promulgação da lei 10.639/03 visa em primeiro lugar valorizar a diversidade brasileira além de dar aos afrodescendentes o reconhecimento necessário que seus ancestrais não conseguiram mesmo com tanta luta. É importante que seja trabalhado não somente para que possamos repensar o passado mas para que atitudes sejam tomadas, como o combate à discriminação racial estabelecendo uma posição de luta contra o racismo e a desigualdade racial, criando uma sociedade que respeite as relações étnico raciais, modificando a sociedade de dentro para fora, criando ambientes de igualdade, respeito e solidariedade.

O primeiro passo para alcançarmos essa realidade se concentra na formação dos docentes que irão atuar diretamente com os alunos trabalhando essas questões, assim, é necessário que durante a formação acadêmica o assunto seja trabalhado e discutido, preparando o profissional para atuar posteriormente. No entanto, pesquisas atuais nos mostram que um dos maiores desafios encontrados ao pensarmos no ensino de História da África se dá na má formação dos professores com relação a esse assunto. Isso se deve ao fato de que, aqueles que se graduaram há algum tempo encontravam em suas universidades uma forma de aprendizado que refletia a realidade vivenciada para além de seus muros, uma realidade que ignorava e considerava nula a importância de se obter o conhecimento sobre a história dos africanos para além do tempo da escravatura.

Assim, muitos profissionais que atuam ainda nos dias de hoje não possuem o conhecimento necessário para tratar o assunto com propriedade. Pensando em reparar essa questão, após a implantação da lei, foram oferecidas por órgãos como secretarias de educação municipais e estaduais bem como por programas educacionais e mini cursos universitários, formações continuadas para que pudessem enfim obter esse conhecimento. Porém, mesmo com essa possibilidade, vimos que a solução não se mostra completamente efetiva, uma vez que, mesmo que alguns professores tenham feito essa formação e se mostrado solícitos a aprender, algumas instituições não se mostram interessadas em participar dessa formação ou que não conseguem obtê-la por fatores diversos, mostrando que não só os alunos precisam ser ensinados sobre essa questão, como também seus professores precisam passar por esse processo.

Salete Cardoso e Diane Feitosa apontam as dificuldades que os professores apresentam em transmitir o ensino de forma mais ampla quando não tiveram essa formação e além disso não recebem auxílio de estratégias e formação continuada para tratarem o assunto com domínio. Assim, através dessa pesquisa, podemos pensar sobre como esse problema se desenvolve na prática e afeta o trabalho dos docentes que buscam sempre desenvolver uma ótima instrução, mas que por vezes são impossibilitados por fatores maiores que não conseguem controlar.

“Essas dificuldades se tornam cada vez mais pertinentes quando são verificadas, no ambiente escolar, situações de hostilidades direcionadas a negros e afrodescendentes. E é justamente nesse tipo de situação que se evidencia uma das maiores dificuldades dos professores: que é lidar com as questões raciais, tendo em vista que não receberam informações suficientes nos cursos de formação inicial e continuada e até mesmo no material didático com o que trabalham.” (CARDOSO e FEITOSA, 2015, p. 2)

Assim, notamos que os professores que são os verdadeiros agentes que irão auxiliar nessa mudança, muitas vezes se encontram de mãos atadas sem saber como lidar com toda essa situação. É extremamente necessário que um professor se sinta preparado para lidar com essa situação em sala de aula não somente pelo conteúdo que será ministrado, mas também pela seriedade das situações que podem acontecer, como hostilidades entre os alunos de diferentes composições étnicas. Não se trata apenas de assuntos a serem tratados, mas das relações entre seres humanos, jovens que estão em sua formação e em fase de aprendizado, tornando ainda mais importante que tenha a sua frente um responsável capaz de ensinar não somente conteúdos pré-estabelecidos pelos currículos escolares, mas também ensine a ter uma boa convivência em sociedade.

Aqueles docentes que realizam a formação continuada são capazes de oferecer para seus alunos uma explicação muito mais detalhada e rica em detalhes que muitas vezes faltam em seu material didático. Além disso, possuindo esse conhecimento, o professor pode ir além do conteúdo histórico, apresentando aspectos sociais e culturais africanos que atravessaram o tempo e podem ser vistos ainda nos dias atuais como uma herança para os afrodescendentes. Trazer esses detalhes da história que podem ser vistos na realidade atual, mostra para os estudantes a riqueza da cultura africana e da cultura brasileira desmistificando aquela visão de que o negro executava apenas o papel de escravo. Assim ressalta-se a importância de uma formação continuada para que os professores possam lecionar sabendo como tratar esse assunto.

“Ressalta-se a importância das instituições escolares promoverem uma formação continuada em serviço, ou seja, momentos sistematizados para discussões de temáticas sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira, visto que a escola constitui o *locus* da formação docente. Nesses espaços poderiam ser propiciadas condições para que os professores refletissem criticamente sobre a sua prática e, através de espaços de colaboração com seus pares, realizassem debates e estudos sobre questões relacionadas à pluralidade étnico-cultural e outras temáticas que estimulassem atitudes de respeito mútuo essenciais para o efetivo exercício da cidadania dos educandos.” (CARDOSO e FEITOSA, 2015, p. 13)

Relacionando a questão cultural com os temas da aula de História da África, o professor executa um papel de extrema importância para a formação daquele aluno como estudante e também como indivíduo por apresentar para ele uma realidade que talvez ele não presenciase em contato com sua família ou pessoas próximas, visto que, um dos problemas apresentados como dificuldade para o ensino dos tópicos que envolvem África se dá no preconceito que muitas vezes vem da própria família do estudante.

Estudos na área como o de Maria Natielly Soares Campos que discorre acerca da importância do trabalho social em conjunto da família, escola e comunidade para o bom aproveitamento do ensino, apontam que a família atua juntamente com a escola na formação do pensamento do indivíduo, trazendo de casa princípios e costumes que vão se manifestar durante sua experiência escolar. Dessa forma, sabendo que vivemos em uma sociedade enraizada no preconceito, podemos considerar que muitas vezes os alunos chegarão em sala de aula com um preconceito sobre esse assunto que muitas vezes parte da realidade ao qual está inserido e presencia todos os dias. É muito importante então que ele possa encontrar em seu ambiente escolar um instrutor que apresente a ele os fatos históricos livres de preconceitos para que ele possa desconstruir essa mentalidade que foi imposta.

“Todo o esquecimento historicamente proposital acaba gerando um negligenciamento da história, e negar essas questões históricas apaga o protagonismo desses povos, que contribuíram e contribuem para a formação do povo brasileiro, suas culturas e costumes, tudo isso confunde nossos alunos e gera cada vez mais um afastamento do sentimento de pertencimento da cultura afro-brasileira.” (CAMPOS, Maria Natielly Soares *et al*, 2021, p. 6)

Discutir o preconceito presente dentro do ambiente familiar nos ajuda a pensar também em como isso afeta o ensino de História da África e cultura afro-brasileira dentro das escolas. Devemos levar em consideração de que cada indivíduo que frequenta a instituição escolar já ingressa no local com determinado aprendizado e conhecimento obtido através de suas relações pessoais e costumes estabelecidos com aqueles que lhe são mais próximos. Esses conceitos que cada ser carrega consigo influenciam de forma direta em como ele irá receber o conhecimento que lhe é passado pelos professores, com que olhar ele irá receber cada tópico a ser tratado, de forma que, se um aluno vem de uma família enraizada no racismo, mesmo que não entenda sobre o assunto ou não tenha tido a oportunidade de formar um pensamento próprio sobre este, ele irá apresentar um comportamento racista por reflexo do que vive no dia a dia de forma que se torna mais difícil e problemático tratar desses tópicos com esses alunos em sala de aula.

Vemos então a partir dessa análise que é preciso que a escola trabalhe de forma mais conjunta com as famílias de seus alunos e com a comunidade ao seu redor. Isso porque vendo que o aluno já carrega um conhecimento prévio, é de fundamental importância que ambas as partes da sociedade estejam em conjunto buscando um objetivo em comum de formar estudantes mais críticos e conscientes de sua própria história. No entanto, mesmo entendendo essa necessidade, devemos reconhecer que muitas das famílias não querem que seus adquiram esse conhecimento, de forma que seria ideal se os currículos escolares pudessem ser debatidos, formulados e conscientizados em conjunto com a sociedade.

Porém, quando tratamos das famílias e até mesmo da comunidade ao redor das escolas, é possível que nos deparemos com alguns problemas como os já citados acima. Podem ser encontradas famílias que ainda carregam alguns traços racistas e por esse motivo não incentivem ou apoiem o ensino de África e cultura afro-brasileira pelo ponto de vista positivo, transformando os negros em agentes de mudança importantes dentro de nosso país. Promover esse conhecimento sem que seja pela visão dos vencedores, favorecendo e enaltecendo as características positivas e os ricos costumes dos negros que

vieram para cá ainda se apresenta como um desafio para além dos muros das instituições escolares.

Falando sobre a sociedade brasileira atual, é preciso reconhecer que esta ainda carrega traços racistas oriundas de sua formação histórica. Isso se deve pelo fato de que desde a abolição da escravatura não foram lançadas medidas que incluíssem os negros como cidadãos brasileiros. Essa visão atravessou o tempo e ainda persiste na mentalidade de alguns indivíduos de nossa sociedade atual, dificultando o trabalho de professores que buscam ensinar os alunos.

Levando isso para o campo da educação, podemos analisar que parte dessa visão que os mais velhos tem sobre afro-brasileiros, se dá por conta da falta de instrução que eles mesmos tiveram em seu tempo de escola, visto que, se considerarmos a forma como a História foi ensinada por muito tempo poderemos ver que a África era sempre negligenciada durante o processo de ensino, como citado por Maria Natielly Campos (2021, p. 9) “[...] cristalizou-se na sociedade brasileira visões sobre um continente africano inferior, distanciando cada vez mais as intenções de aproximar essas duas culturas e enaltecer suas riquezas multiculturais e sociais [..]”

Esse pensamento de que a África é um continente inferior e com uma cultura e costumes sociais pobres é algo enraizado no pensamento de grande parte da população brasileira e infelizmente nos mostra como os padrões educacionais podem afetar na vida cotidiana de cada indivíduo. O racismo é algo presente na realidade do Brasil, mas não somente nele, sendo algo mundial, por muitas vezes foram retratadas situações racistas em filmes, séries, músicas e outros conteúdos consumidos pelo mundo todo, incluindo nosso país. Isso atrelado ao fato de que já possuímos uma história que majoritariamente foi escrita para inferiorizar a imagem do negro durante a formação e desenvolvimento da antiga colônia portuguesa, temos essa visão considerada como uma realidade que acabou sendo levada para os costumes da vida prática.

Dessa forma, desmistificar essa visão que foi construída por séculos vai muito além da realidade dentro da sala de aula, mas é através dela que teremos uma boa base para conseguir mudar essa realidade. Se conseguirmos debater estas questões com os alunos dentro dos muros da instituição, eles estarão mais preparados para lidar com a situação na vida em sociedade.

“Uma carência na educação sobre as temáticas africanas e afro-brasileiras refletem de forma catastrófica nas intenções de identificação pessoal com as representações socioculturais do dia-a-dia, afastando cada vez mais os sentimentos de pertencimento e distanciamento de nossas identidades históricas. A sociedade pode e deve fiscalizar e monitorar as influências externas que permeiam o interior das comunidades, observando como a própria história está sendo retratada, seja através do comércio, culinária, música, para assegurar a pluralidade social e tradicional.” (CAMPOS, Maria Natielly Soares *et al*, 2021, p. 9)

Assim como os professores realizam formações continuadas para que possam adquirir conhecimento sobre o assunto é preciso também abrir espaço para que a sociedade tenha mais acesso a informações e aos conhecimentos que são trabalhados com os alunos. O ensino de História da África e cultura afro-brasileira é uma forma de trazer mudanças não somente para o conhecimento individual, mas para o grupo social como um todo, tendo em mente que cada instituição social é uma engrenagem ligada a outra.

“Fica nas mãos da família, das esferas escolares e da sociedade os esforços de se construir uma história que ultrapasse as narrativas dos vencedores, que trabalhe sempre com uma história a contrapelo, partindo sempre para um olhar atento, não só à macro história, mas imprescindivelmente lançando olhares para a micro história.” (CAMPOS, Maria Natielly Soares *et al*, 2021, p. 11)

Professores são formados e ensinados a lidar com situações em sala de aula e muitas vezes ao começarem a exercer sua profissão notam que, mesmo tendo um estudo, na prática as situações tendem a ser diferentes de forma que apenas a prática é capaz de dar a instrução necessária para lidar com algumas situações. No que tange à metodologia de ensino o mesmo caso se aplica. Dessa forma, mesmo que o professor enfrente todos os problemas pedagógicos para lecionar sobre África, dentro da sala de aula ele ainda irá encontrar algumas barreiras a serem enfrentadas.

Um dos principais desafios encontrados dentro da sala de aula, como apontado por pesquisas de campo realizadas por Davi Silvestre Fernandes Martins como também por Dienifer Araújo da Silveira, dizem respeito ao pouco conhecimento que os alunos tem sobre o assunto de forma geral. Ao iniciar uma discussão sobre África nota-se que os alunos atrelam automaticamente a imagem dos negros ao período da escravidão, ou seja, estão presos a uma história contada pelo ponto de vista eurocêntrico que coloca os africanos como mercadorias olhando-os sempre como seres inferiores. Assim é possível

perceber que dentro das salas de aula os estudantes se mostram na maioria dos casos presenciados, mal informados sobre essa temática e muitas vezes intolerantes por conta do meio em que vivem. Isso não só dificulta o ensino do professor como pode influenciar diretamente nas relações estabelecidas entre os alunos. Como um estudante negro se sentiria ao discutir esse assunto dentro de um grupo de colegas que apresentam um viés completamente eurocêntrico?

Não é raro que diretores e profissionais do corpo docente recebam relatos de atos racistas praticados dentro dos muros das instituições. Ataques verbais ou até mesmo “brincadeiras” entre os colegas com a cor de pele, traços físicos e expressões culturais de um indivíduo afrodescendente são comuns no cotidiano escolar. Esses atos racistas são um dos maiores problemas enfrentados pela educação e nos mostram mais uma vez que o ensino adequado de história ultrapassa as paredes do conhecimento indo atingir diretamente a vida social dos estudantes. O professor nesse caso tem a função de reeducar o estudante, quebrando com esse paradigma racista e promovendo uma visão mais acolhedora e respeitosa.

Quanto a direção da escola, é responsabilidade deles sempre se atentar aos casos de racismo, conversar com os alunos e orienta-los que esse é um comportamento que não será tolerado dentro e fora da sala de aula. É importante que os estudantes vejam a escola como órgão responsável que não tolera essas atitudes e toma as providências necessárias para que o ambiente escolar se torne mais respeitoso e igualitário para todos.

Com relação ao racismo presente dentro das escolas temos também que pensar não só em como o corpo docente se posiciona sobre, mas também como os alunos que não compactuam com essa atitude se portam diante de tal situação. Se os alunos possuem o devido ensino sobre história da África e entendem a seriedade do racismo e o quão errôneo esse posicionamento é, serão assim capazes de identificar essas situações e se posicionar contra esses atos afim de ajudar aqueles que estão sendo atacados por outros colegas. Se aqueles que decidem praticar o racismo enxergarem que outras pessoas do seu convívio e idade se portam contra suas atitudes, isso pode servir de conscientização para que eles pensem no quão errado suas atitudes são.

Dessa forma conseguimos perceber o quão importante é o ensino de História da África e cultura afro-brasileira dentro das escolas. Além de ser uma reparação histórica para com o povo negro, se trata de ensinar a história de uma forma adequada e, para além

de tudo criar uma educação antirracista que reedue os alunos rompendo com o paradigma eurocêntrico e dando aos estudantes o conhecimento necessário para que possam se tornar pessoas mais conscientes e possam assim transformar a sociedade a qual pertencem em um lugar sem preconceitos e que tenha orgulho de suas raízes e sua diversidade étnico racial.

“Para ocorrer uma educação anti-racista, deve-se ter sim, uma prática pedagógica planejada com base na diversidade cultural, afetividade entre todos os educandos, diálogo e principalmente as práticas pedagógicas e os materiais didáticos não devem ficar somente no papel, mas sim, no cotidiano escolar auxiliando na reflexão sobre a questão racial” (SILVEIRA, 2010, p. 18)

Mesmo com todas as dificuldades na implantação da lei 10.639/2003, quando se está dentro da instituição escolar, existem pequenas ações que podem ser feitas para melhorar o ensino e que são mais simples de serem realizadas. Como por exemplo, durante a explicação sobre a chegada dos negros em território brasileiro e a forma como eles viveram aqui, os professores podem tentar se desprender da explicação tradicional, contando sobre o papel dos negros como escravos e podem inserir seus traços sociais e culturais que enriquecem a nossa cultura nos dias de hoje.

“Por isso, o ensino de história afro-brasileira deverá abranger iniciativas e organizações negras como: a história dos quilombos, os remanescentes de quilombos, irmandades religiosas, suas contribuições na matemática, às religiões de matrizes africanas, a luta social e entre outros aspectos.” (SILVEIRA, 2010, p. 38)

Uma boa forma de reforçar essa iniciativa em se ensinar a história africana trazendo traços culturais e características positivas se dá na manifestação desse ponto de vista pelos livros didáticos tão utilizados dentro de sala de aula. Sabe-se que por ser o principal instrumento de apoio utilizado na educação dos alunos, é muito importante que eles encontrem nesse material uma visão positiva acerca dos negros trazidos para o Brasil que mostre uma preocupação em reconhecer o valor desse povo vindo de um órgão de maior responsabilidade dentro do âmbito educacional, como por exemplo o PNLD, responsável por analisar e disponibilizar os materiais didáticos.

Porém, quando analisamos a realidade dos livros didáticos distribuídos para as escolas em todo o Brasil, encontramos uma versão totalmente diferente daquela que

almejamos para uma melhor educação. Encontramos capítulos rasos ou as vezes inexistentes sobre a História da África como um país a ser estudado para além do berço da escravidão. A maioria desses exemplares apresentam um conteúdo já conhecido e disseminado sobre o que se deve repassar para os alunos sobre o território africano. Um conteúdo que se limita a apresentar esses povos apenas como agentes passivos da escravidão lembrando de sua luta apenas ao falar sobre a criação de quilombos ou quando a escravidão foi finalmente abolida.

Para entender melhor essa questão, estudiosos se dedicaram a produzir análises sobre como foram realizadas a distribuição de conteúdo. Adínia Santana Ferreira dedica sua tese de doutorado a estudar como os principais livros didáticos selecionados para a distribuição por todo o Brasil abordam a história do continente africano em comparação com outros assuntos como o desenvolvimento europeu e a descoberta da América. O resultado encontrado pela autora nos mostra que a maioria desse material dedica uma parcela mínima de páginas para explicar o surgimento das sociedades africanas bem como seu desenvolvimento, características culturais sociais e econômicas e quase nunca aborda sua independência. Não se dedicam a mostrar as lutas do povo africano assim como suas riquezas e contribuições fundamentais para a história da humanidade como um todo.

“Para entender melhor a História da África é necessário que Antropologia e a Etnologia rejeitem uma visão linear e vertical que coloca a Europa como pioneira no desenvolvimento da “civilização” em relação aos povos originários da Oceania, América e África. Tal concepção é constituída a partir de um discurso baseado em premissas discriminatórias e pretensa científicidade na qual o “outro”, que é concebido como atrasado, bárbaro e selvagem, torna-se objeto de investigação.” (FERREIRA, 2021, p. 33)

Percebe-se também que grande parte do que é dito sobre África nesses livros é posto como justificativa dos grandes feitos europeus, como parte do sucesso deles e de sua trajetória, valorizando a visão eurocêntrica do mundo e colocando os povos africanos mais uma vez como passivos em sua própria história, levando seus leitores a pensar que todo grande feito dos povos africanos tem relação direta com os europeus, descartando seu próprio valor e atrelando toda sua história a uma dependência em relação àqueles que são considerados os povos mais poderosos e bem desenvolvidos pelo ponto de vista da história tradicional.

Dessa forma, se torna cada vez mais importante que os responsáveis pela configuração desses instrumentos escolares modifiquem essa visão eurocêntrica de expressar e repassar a história pois podemos constatar que para além de apoiar os alunos

trazendo textos, imagens e informações que auxiliam no processo de aprendizado, o livro didático representa a visão e a construção de conhecimento vinda de escritores e editores que estão por trás da criação desse material que é amplamente distribuído.

“Cabe ressaltar que as obras didáticas se constituem como veículos de discursos e representações, que, por sua vez, não podem ser vistos como neutros ou imparciais. Nesses livros prevalece o olhar dos escritores, referenciado pelas obras por eles consultadas, pelos programas governamentais que direcionam a abordagem de certas temáticas e por uma formatação e linguagem apropriada ao público a que se direciona, além de todos os demais fatores que envolvem as condições de produção do texto. Tendências teóricas, influências de escolas historiográficas, ideologias políticas, imaginários dominantes e epistemologias também fazem do livro didático um espaço de disputas.” (FERREIRA, 2021, p. 16)

A problemática sobre a criação dos livros didáticos não gira apenas em torno de como os assuntos serão retratados e abordados mas também da credibilidade que isso pode trazer para a mentalidade daqueles indivíduos que irão consumir esse material, isso porque para eles em fase de educação e produção de conhecimento, é importante que vejam que pessoas com autoridade, pessoas que são responsáveis por elaborar e promover a educação brasileira, se posicionam a favor de um aprendizado amplo, que rompe com o olhar eurocêntrico e com o racismo.

“A descolonização dos saberes universitários aponta caminhos para a descolonização dos saberes escolares. A inserção dos conteúdos de História da África nos livros didáticos, referenciados pelas produções de historiadores africanos e especialistas africanistas, bem como a valorização das tradições orais e culturais africanas, sinalizam para a construção da diversidade epistêmica. A elaboração de novas epistemologias, não-eurocênticas, rompe com o universalismo ocidental, patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista, e confere espaço para o reconhecimento e a implementação dessa pluralidade epistêmica.” (FERREIRA, 2021, p. 52)

Para além de todas essas medidas temos que pensar não somente na visão que precisa ser mudada dentro do conteúdo dos livros didáticos, mas também na visão que pode ser acrescentada a todo esse processo. Falamos aqui sobre como os conteúdos são trabalhados pelo ponto de vista do eurocentrismo e como isso deveria ser alterado começando a observar e retratar os fatos de acordo com a visão dos negros e sua história.

“O racismo constitui um sistema hierárquico complexo, conjunto estruturado de práticas e discursos sociais e institucionais. Ele se configura como um conceito móvel que hierarquiza, classifica, seleciona e desumaniza algumas sociedades em favor da superioridade de outras (SHOHAT; STAM, 2006, p. 46). Nessa perspectiva, as categorias raciais não são naturais ou absolutas, são construções relativas e específicas engendradas nos processos históricos de diferenciação. Os africanos, por exemplo, não pensavam em si como negros, mas como membros de diferentes sociedades. A nova ordem impôs uma identidade racial e colonial negativa. A partir daí, africanos, americanos e outros povos não europeus se transformaram em “raças inferiores”, produtoras de culturas subalternas.” (FERREIRA, 2021, p. 48)

Assim, podemos notar que além do rompimento com a visão eurocêntrica da história, deveríamos trabalhar com os conceitos de racismo. Tais tópicos deveriam ser tratados dentro da sala de aula como uma forma de se adentrar na luta dos negros e compreender como a mudança que estamos buscando para a educação, apresentando aos alunos os motivos pelos quais precisamos romper com essa forma de se contar a História através do ponto de vista dos vencedores.

Outro ponto que poderia ser adotado para a mudança na forma de ensino e aprendizagem, se dá ao inserirmos escritores africanos para o ensino de África nas escolas. Dentro dos livros didáticos escolhidos para serem trabalhados na sala de aula, nota-se que o conhecimento sobre África vem de autores que não são africanos e escrevem sobre o continente. Mesmo que não tratados diretamente, seria de extrema importância que dessem a esses historiadores e escritores a chance de contar a História de seu continente pela visão de alguém pertencente aquele lugar e que está intrínseco dentro de sua luta. O fato de construirmos uma bibliografia com nomes de africanos já traz consigo um peso maior para a discussão e abre portas para esses autores que não bem explorados e conhecidos dentro do ensino.

“Os estudos pós-colônias, mesmo não sendo teoricamente homogêneos, nascem no contexto das lutas anticoloniais africanas e indianas; no entanto, têm adesão entre intelectuais da diáspora, afro-americanos e afro-caribenhos. Possuíam, desde as primeiras décadas, caráter anti-imperialista e nacionalista. Os estudos decoloniais, por sua vez, emergem num grupo de pensadores latino-americanos que fazem leituras alternativas à modernidade global a partir de questões políticas e teóricas, para reconstituir a homogeneidade eurocêntrica que influencia a produção de conhecimento. Já a perspectiva africana propõe o rompimento do olhar externalista para a História da África. Logo, a história tem caráter internalista, sendo examinada a partir de seu interior, a partir do ponto de vista dos próprios africanos, valorizando o cruzamento de fontes orais, escritas e arqueológicas.” (FERREIRA, 2021, p. 52)

Se pensássemos então na História da África por meio de uma bibliografia pensada por historiadores africanos, teríamos uma inserção maior da história africana bem como quebraríamos a visão eurocêntrica. E não somente a nível de ensino escolar, mas também acadêmico, é válido que mais autores vindos da África sejam utilizados para pensar sua própria história. Tal problema não é encontrado apenas dentro das instituições escolares como também dentro dos muros das Universidades espalhadas pelo país. Se tivermos mais trabalhos divulgados por essa visão não só conseguiremos levar um conhecimento mais difundido para os alunos como também criaremos profissionais mais preparados para trabalhar e confrontar tal assunto dentro de sala de aula.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais apontam o que nos falta para que possamos alcançar nosso objetivo:

“Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que nos distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros”(2004, p. 12)

Assim, podemos ver que há um caminho a ser traçado que nos permite não somente reparar os danos históricos deixados pelo período escravocrata mas também construir uma sociedade que entenda sua história, entenda as barbaridades que já foram e continuam sendo cometidas contra os negros e afro-brasileiros e assim, compreenda que não há mais espaço para que tais erros continuem sendo cometidos, que precisamos estabelecer uma sociedade mais respeitosa que entenda, aceite e valorize a sua rica diversidade.

Não obstante, temos que a lei criada para amparar que esse ensino aconteça já é por si só o início de uma reparação histórica, a promulgação da lei 10.639/2003 pode ser considerada como o primeiro passo dado por órgãos competentes tendo em vista a luta do movimento negro⁵ em busca de lugar de fala e respeito histórico por sua luta e trajetória.

“Essa lei é fruto de reivindicações antigas da população negra e tenta combater a visão distorcida e preconceituosa sobre a história e a cultura africana. O grau de importância dessa lei para o movimento negro pode ser dimensionado pelo uso da expressão: “segunda abolição”, ao se referir à luta pela valorização das origens africanas que, de uma forma ou de outra, alia-se ao desafio de criar meios para driblar a miséria e a exclusão social, deixados como legado pela escravidão.” (CARDOSO e FEITOSA, 2015, p. 5)

O uso da expressão *segunda abolição* nos dá uma dimensão maior da importância da luta que está sendo travada na busca por um ensino de melhor qualidade bem como mostra o tamanho do impacto que isso causará na comunidade afro-brasileira e no movimento negro. Se trata de romper mais uma vez com o estereótipo atrasado de que o

⁵ O movimento negro foi criado no Brasil ainda no período da escravidão e buscava se defender das injustiças e violências causados pelos senhores de escravos. Com o passar do tempo e mesmo após a abolição da escravidão, o movimento negro passou a buscar então um reparo histórico na comunidade brasileira reivindicando também respeito por sua comunidade e lutando como forma de resistência contra o preconceito presente na sociedade.

negro é um ser inferior incapaz de produzir cultura e costumes que sejam relevantes socialmente. Rompe com a visão colonial onde essas pessoas não tinham um lugar dentro da sociedade e finalmente dá o indício de progresso para a população brasileira, progresso esse que abrange todos os povos brasileiros e sua diversidade formando uma só nação e respeitando a diversidade presente em nosso país.

Dessa forma, conseguimos analisar como é importante que as escolas se adaptem e insiram de forma planejada o ensino de História da África com intencionalidade e dando ao assunto o valor que o mesmo merece. Vários são os meios que precisam de melhorias para que possamos atingir um ensino de qualidade que nos ajude a formar cidadãos críticos que estão cientes das vertentes de sua história e que acima de tudo valorizem a diversidade presente em seu país sem nenhuma forma de discriminação.

Sabemos que é um caminho longo a ser traçado principalmente se considerarmos o grande período de tempo em que essas questões foram ignoradas, de forma que os avanços vão ocorrendo de forma lenta e gradual. Mesmo sendo uma luta difícil de se obter resultados significativos, não se deve estagnar diante das dificuldades. Com o esforço e a dedicação do corpo docente, bem como dos órgãos educacionais e amparados pela lei 10.639/2003, podemos esperar grandes melhorias com relação ao aprendizado dos alunos que resultará não somente em um conhecimento mais vasto e igualitário, mas também em um combate ao racismo presente tão fortemente em nosso território.

Capítulo 2

Tendo em vista os desafios apresentados no capítulo anterior foi realizada uma pesquisa de campo dentro de uma escola selecionada para pensarmos como essas questões discutidas se desenvolvem no cotidiano escolar. Essa pesquisa tinha como objetivo observar o convívio em sala de aula notando como se dão as relações próximas entre os alunos e também entre eles e os professores. Buscava-se entender como os pontos tratados anteriormente se materializavam dentro dessa instituição escolar e como eram tratados e resolvidos. A observação levou em consideração quais os interesses que os estudantes demonstravam quando se tratava de questões étnico raciais; se a escola trabalhava esses assuntos para além das datas comemorativas sobre o tema; como esse assunto era abordado nas aulas; qual a visão dos alunos e professores sobre estes temas e como todas essas questões afetam o dia a dia escolar.

Uma das preocupações deste trabalho é a forma como as pesquisas realizadas anteriormente acerca do mesmo tema perpetuam uma visão mais negativa e desencorajadora sobre a forma como o ensino de História da África e cultura afro brasileira se desenrola no âmbito escolar.⁶ Estes trabalhos apontam que nas instituições observadas havia a preocupação em desenvolver esses temas apenas nas datas comemorativas e de forma superficial. Essa conclusão obtida em outros trabalhos concluídos gira em torno de todas as questões já citadas sobre a falta de uma formação continuada que permita o aprofundamento dos profissionais nesse assunto para que se tornem aptos a trabalhar com os estudantes, bem como também a falta de material no livro escolar e a falta de apoio da comunidade para que tais tópicos sejam desenvolvidos.

Considerando essas preocupações e pensando na produtividade da investigação que seria feita, para que pudéssemos ter uma observação mais direcionada aos pontos que estávamos interessados, foi elaborado uma lista de questionamentos que gostaríamos de responder ao final desse estudo, lista essa que abrangia tanto os comportamentos dentro de sala de aula como também alguns postos fora dela e questões que vão além dos ensinamentos passados naquele ambiente:

⁶MARTINS, Davi Silvestre Fernandes; SALLES, Leila Maria Ferreira. A inserção da história e cultura afro-brasileiras no cotidiano escolar: um estudo de caso. São Paulo
SILVEIRA, Dienifer Araújo da. A inserção da história e cultura afro-brasileira nas escolas da rede municipal de Criciúma: dificuldades e estratégias. Criciúma: 2010.

- Como é a infraestrutura da escola? Quais recursos ela apresenta para o ensino dos seus alunos? Onde ela está localizada? Como é o bairro onde ela fica?
- Como a direção da escola lida com a proposta da pesquisa?
- O ensino de cultura afro-brasileira e temas relacionados é realizado apenas em datas comemorativas estritamente relacionadas a obrigação de ensinar ou é desenvolvida de forma mais intencional durante todo o ano letivo?
- Dentro de sala de aula, como os professores abordam as questões relacionadas aos afro-brasileiros?
- Como o livro didático escolhido aborda essa questão?
- Durante as discussões sobre os afro-brasileiros como eles são apresentados? Qual perfil criado sobre eles?
- Há um interesse por parte dos alunos em saber mais sobre o assunto e participar das discussões propostas?
- Além da matéria de história, alguma outra trata do assunto com relevância?
- Como é comunidade que cerca a escola?
- Existem muitos problemas dentro da escola com questões racistas e discriminatórias?
- Como a escola lida com esses casos?
- Como os alunos se portam diante de ações racistas, dentro ou fora da escola?
- Os alunos se sentem à vontade para falar sobre culturas afro-brasileiras? Eles trazem para sala de aula algum conhecimento sobre o tema que adquiriram em sua vida cotidiana?
- Como os alunos que fazem parte da comunidade negra se sentem na escola? Acham um ambiente confortável, de aceitação ou enfrentam alguns problemas?

A escola escolhida é uma instituição já conhecida por mim uma vez que realizei algumas fases do estágio nesse mesmo local e, portanto, parecia ser um ambiente propício para que realizássemos esse estudo pois, dentro das experiências passadas foi possível notar se tratar de um local aberto para o diálogo e muito receptivo além de apresentar estudantes engajados nas aulas e que apresentam interesse nos temas de estudo. Dessa forma, a escola estadual Frei Egídio Parisi nos permitiria analisar tudo o que foi citado para problematizarmos o ensino de História e cultura afro brasileira na atual sociedade brasileira pontuando seus acertos e quais os principais desafios que ainda são encontrados dentro da educação.



A Escola Estadual Frei Egídio Parisi que completou seus quarenta anos de funcionamento foi fundada em 1982 e é considerada uma das mais renomadas dentro do município de Uberlândia. Era inicialmente anexa à Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco e se denominava na época Escola Estadual Conjunto Segismundo Pereira. Passou a assumir o nome atual apenas em 1983 quando se desmembrou da outra instituição e foi somente em 1996 que começou a atuar em sua atual localidade oferecendo ensino fundamental e médio. Seu atual nome se deve em homenagem ao Padre Frei Egídio Parisi⁷ que tendo passado um tempo de sua vida em Uberlândia se tornou uma figura querida dentre os cidadãos da cidade. Em 1981 com a morte do Pe. Frei Egídio, o prefeito da cidade Vigílio Galassi, responsável pela construção da escola decretou luto municipal por três dias e então posteriormente com o desmembramento das duas instituições decidiu homenagear essa figura tão querida para a cidade dando ao colégio seu nome.

A instituição possui grande prestígio na cidade, sendo uma das escolas mais bem conceituadas no município de Uberlândia, tendo destaque por sua qualidade de ensino e boa estrutura. Além da sua influência no que se refere ao ensino, a escola é ampla, tendo uma ocupação atual total de aproximadamente 1500 alunos. Em cada sala de aula

⁷ O Pe. Frei Egídio Parisi nasceu na província de Salemo na Itália em 1909. Aos 15 anos de idade entrou na Ordem Franciscana onde emitiu seus votos temporários e aos 23 anos foi ordenado sacerdote. Em 1953 sendo chefe de uma caravana de cinco jovens sacerdotes franciscanos deixou sua terra natal e quinze dias depois desembarcou no porto de Santos de onde partiu rumo ao Triângulo Mineiro. Chegando nessa localidade passou por cidades como Uberlândia, Uberaba, Araguari, Capinópolis e outras dando a aqueles que o procurava conselhos espirituais. Aos 71 anos morreu por conta de uma doença que o afligia.

encontra-se ar condicionado em ótimo funcionamento, além de um projetor de imagem também em perfeito estado de uso dando aos alunos assim um maior conforto e expandindo as opções de dinâmicas possíveis de serem feitas durante as aulas. A escola possui também uma sala de informática, laboratório e uma biblioteca rica em livros, ambos os ambientes funcionando perfeitamente equipados com bons aparelhos e em ótimo estado de conservação. Contando com porteiro e detector de metais, a escola Frei Egídio conta também com um ótimo sistema de segurança permitindo assim que o ambiente se torne mais seguro e permita que seu corpo docente, estudantes e funcionários se sintam mais à vontade no que diz respeito ao risco que um ambiente escolar pode oferecer principalmente na situação atual de nossa sociedade.

Além de sua ótima estrutura, a escola está situada no bairro Santa Mônica, bairro esse que é mais conhecido pela população uberlandense e um dos maiores da cidade, sendo considerado um bairro de caráter mais residencial e acadêmico dado a localidade de famílias ao seu redor e também a presença da Universidade Federal de Uberlândia e seus estudantes que vivem ao redor. É cercada também por uma comunidade composta em sua maioria por famílias de classe média de forma que conseqüentemente, os alunos que frequentam essa instituição estão em sua grande maioria, inseridos dentro dessa mesma classe social. São alunos não oriundos de uma realidade de extrema necessidade ou cercado por um ambiente muito violento, são alunos que possuem um certo conforto dentro de seu núcleo familiar.

Infelizmente na realidade atual na qual estamos inseridos é comum que se encontre a maioria da população negra brasileira, residindo em áreas periféricas devido à falta de oportunidades de emprego e também a questões de racismo e preconceito do qual já temos conhecimento e que afetam diretamente a vivência dentro das comunidades em que os cidadãos residem. Dessa forma, existindo essa separação dentro do corpo social que compõe nosso país, sabemos que a população negra é geralmente afetada por possuir um acesso mais restrito a educação de qualidade e por isso acaba sendo prejudicado nesse como em vários outros quesitos. Para essa pesquisa, é de extrema importância que analisemos então como a comunidade negra que vive no mesmo bairro em que a escola está localizada se posiciona e como são a sua relação com a sociedade e com a escola, bem como é fundamental que analisemos como se dá o entrosamento dos alunos negros na escola com seus demais colegas, se encontram muitas situações de racismo e como a escola e posteriormente sua comunidade mais próxima se porta diante disso.

Durante a pesquisa, foram acompanhadas aulas durante todo o bimestre de História e também de sociologia, somando assim por volta de vinte aulas em cada matéria, para que se pudesse colher dados que permitissem analisar o que havia sido proposto. O acompanhamento das aulas começou ao fim do primeiro bimestre escolar e foi realizado até o fim do segundo. Foram acompanhadas turmas do terceiro ano do ensino médio bem como turmas do segundo ano do EJA⁸, o que nos permitiu também perceber como a forma de instrução se modificava de acordo com o perfil da turma e também tomar notas sobre como a idade e realidade dos alunos muda a forma como ele encara os assuntos que são ensinados a eles.

As salas de ensino médio tradicional possuem em cada uma de 30 a 36 estudantes enquanto as de EJA se encontram mais vazias com no máximo 12 alunos na sala de aula. Dentre esses estudantes, temos alunos brancos, pardos e negros sendo a maioria deles predominantemente brancos. Quanto ao corpo docente, os professores acompanhados foram dois de etnia branca e uma de etnia negra, sendo possível assim, também ter esse contraste de etnias no corpo docente.

Assim que a pesquisa de campo começou a ser desenvolvida a percepção que se conseguiu ter foi de que dentro da sala de aula há um bom entrosamento entre professores e alunos, existe um diálogo direto e confortável, uma linha tênue entre profissional e aprendiz que torna o ambiente mais confortável. Essa relação fundamentada na confiança e na empatia facilitou e tornou mais agradável o decorrer das aulas, visto que, os alunos deixaram de encarar aquele momento como algo maçante e obrigatório, se tornou então um momento onde eles estavam dispostos e curiosos a aprender de forma ampla e autônoma.

A primeira observação realizada ocorreu durante a aula de sociologia. Foi possível ver a conclusão de um bimestre no qual o professor havia trabalhado durante todo o tempo a luta dos movimentos negros dentro da nossa sociedade e isso desembocou em um trabalho abrangente como forma de avaliação sobre os movimentos negros, sua importância, curiosidades, características, seu início e desenvolvimento. Tudo isso posto pela visão dos alunos, distribuídos em grupos sendo cada grupo responsável por um tópico desses relatados e postos em uma plataforma digital onde todos os outros alunos

⁸ Educação de Jovens e Adultos que possibilita que indivíduos continuem e finalizem sua formação escolar visando sua melhor qualificação no mercado de trabalho e entendendo melhor seus desafios enfrentados como cidadão.

dos outros grupos deveriam assistir e comentar o que havia sido posto. O trabalho a princípio poderia soar algo forçado, já que os estudantes precisariam colocar sua opinião sobre cada tópico apresentado, mas na prática foi possível constatar que os alunos não só gostaram de pesquisar sobre o que lhes cabia como também se sentiram entusiasmados em aprender com o que o colega estava pesquisando.

O trabalho desenvolvido é extremamente interessante pois apresenta a questão do racismo a partir de exemplos de pessoas que o enfrentaram através de vídeos e acontecimentos do cotidiano dos alunos. Os tópicos trazidos pelos grupos que apresentaram variavam entre a escolha de uma atriz negra para representar uma princesa da Disney em filme, o filme Pantera Negra e o fato de seu elenco ser formado em sua maioria por atores negros, ataques racistas contra o cantor Seu Jorge e ao jogador Vini Jr., dentre tantos outros tópicos que são de suma importância para serem discutidos na nossa realidade.

O trabalho foi realizado com todas as turmas de terceiro ano do ensino médio em que o professor leciona de forma que o produto final posto no padlet, plataforma escolhida para acolher o trabalho, é vasto e muito completo. Mais que isso, é muito interessante analisar os comentários feitos pelos alunos em cada um dos vídeos que os grupos de sua sala produziram. Não podemos deixar de lado que os comentários eram obrigatórios para a aplicação de nota, mas para além disso, de acordo com o que foi possível observar, mesmo sendo uma atividade obrigatória, os alunos se dedicaram aos comentários e abraçaram a discussão conforme colocam lá sua opinião, vivência e indignação com os fatos trabalhados.

Analisando o trabalho feito é possível observar a relevância que uma tarefa assim pode ter na vida de cada estudante envolvido. Um dos vídeos escolhidos para ser trabalhado era sobre a música “Racismo é burro” feita pelo *Detonautas* com participação especial do Gabriel O Pensador. A letra da música em si já traz um peso maior para a discussão pela forma aberta que trata o racismo e tece a crítica contra essas atitudes. Junto a isso, temos a constatação de que muitos alunos não conheciam sua letra e tiveram o primeiro contato com a música através dessa atividade. As aulas sobre a temática juntamente com a realização desse exercício permitem aos alunos refletirem para entender a gravidade do racismo e a partir disso criar seu pensamento crítico sobre o assunto. Um dos alunos comentou: “Foi uma ótima escolha a música que vocês usaram pois ela possui uma letra muito elaborada que consegue exemplificar de forma simples e

bem visual o que ocorre no dia a dia. Achei interessante quando o Gabriel, o Pensador cita a frase "E de pai pra filho o racismo passa em forma de piadas que teriam bem mais graça se não fossem o retrato da nossa ignorância transmitindo a discriminação desde a infância essa frase exemplifica de forma prática o que acontece já há muitos e muitos anos e que só fomos repensar nos tempos atuais". O racismo é uma questão muito antiga como a própria música fala "O racismo é burrice, mas o mais burro não é o racista, é o que pensa que o racismo não existe, o pior cego é o que não quer ver". Para conseguirmos mudar precisamos entender o nosso erro, essa "herança cultural" que foi disseminada por diversas gerações e mudar nossas atitudes e é isso que a música nos fala citando diversas vezes que aqui no Brasil todos somos mestiços, que nascemos da mistura então não faz sentido o preconceito."

Outro aluno comenta ainda sobre um vídeo do Grande Otelo em uma entrevista onde é questionado sobre a discriminação racial no Brasil e ele afirma se sentir discriminado, mas de forma menor por ter se tornado o grande Otelo, mas sabendo que essa não é a realidade do restante da sociedade brasileira. Acerca desse curta, o estudante se posiciona da seguinte forma:

“A fala do Grande Otelo fez-se muito importante, a partir do momento que ele deixa explícito que um negro em um país tão diversificado e miscigenado como o Brasil, ainda encontra preconceito racial e preconceito financeiro. Se você não tiver dinheiro ou ser alguém importante você não tem valor na nossa sociedade. É extremamente vergonhoso isso ainda existir depois de uma luta por séculos contra esses indivíduos.”

Esses posicionamentos mostrados são alguns dos vários que encontramos nesse trabalho e que nos mostra com provas práticas como é importante trabalhar esses tópicos com os alunos. Esse descontentamento e essa crítica tecida por eles é extremamente importante para o pensamento contra o racismo, eles poderem experimentar exemplos atuais sobre essa discussão os faz entender que a discriminação racial é um problema antigo e atual. Assim, um trabalho tão bem feito nos permite comprovar que quanto mais trabalhamos essa temática em sala de aula mais frutos positivos iremos colher em relação a luta contra uma sociedade desigual e racista. Acima de tudo a atividade mostra que é possível despertar nos alunos essa curiosidade e interesse em aprender mais sobre o assunto.

Acompanhando todo esse processo, foi possível notar que o interesse dos alunos com esse trabalho vinha das aulas explicativas que o professor havia lecionado durante todo o semestre, um assunto que não era conhecido por eles, foi devidamente tratado durante todo esse tempo o que fez com que eles entendessem a importância do movimento negro na história do nosso país e assim se esforçassem e tivessem prazer em realizar um trabalho que concluiria muito bem esse período de aprendizagem. Os alunos então se mostravam engajados nas aulas, respeitando a seriedade que o assunto exigia, admitindo que não haviam tido contato com tal ensinamento antes. Se mostraram confortáveis para levantarem a mão, para fazer perguntas e principalmente, após o entendimento sobre o tema, se posicionaram de forma crítica contra todo e qualquer ato de racismo. Demonstraram indignação ao serem informados de que os casos de racismo e as desigualdades encontradas por negros em nossa sociedade ainda são muito mais frequentes do que se imagina.

Já nesse primeiro momento de observação foi possível constatar que houve um momento onde os alunos aprenderam sobre um dos pontos mais importantes da nossa sociedade, o movimento negro. Houve uma atenção especial no planejamento da escola e no desenvolvimento do professor de sociologia para trabalhar essa questão tão importante e trabalhar com alunos esse conhecimento fundamental que ajuda a compreender como a história dos africanos e afro brasileiros enfrenta desafios ainda hoje em dia. Trajetória de uma história de repressão e escravidão para uma de luta e reivindicação de seus direitos. As atividades mostraram a eles como a sociedade atual se divide e se posiciona sobre essas questões, repercutindo os assuntos de história que são ensinados ao longo da sua caminhada.

Constatar que há um cuidado de separar um bimestre completo para tratar desse assunto nos mostra que ainda há muito a ser feito para que possamos avançar cada vez mais no que diz respeito ao ensino de História da África e afro brasileira, mas os primeiros passos, as primeiras lutas já estão sendo travadas dentro dos muros dessa escola o que nos mostra que a escola não negligencia o assunto e que não deixa para tratar disso apenas em datas comemorativas, mas que possui essa preocupação durante o decorrer do ano. Os alunos que antes não entendiam com clareza o que está errado nos atos de racismo, se tornaram capazes de caracterizar os atos de racismo como algo extremamente errado, dando condições para dialogar e passar a diante o que foi ensinado a eles.

Durante o restante do período de observação, ocorrido juntamente com o decorrer do segundo bimestre, não houve um assunto específico que tratasse esses tópicos como no primeiro bimestre, tanto na matéria de Sociologia como na de História. As aulas lecionadas a partir daí giravam em torno dos tópicos tradicionais de história e sociologia e perpassavam em alguns momentos nas palavras “escravidão” e “negros”, mas sem que fosse tido como tema principal da discussão. O que foi possível averiguar é a forma como mesmo que esse assunto não seja diretamente tratado, há por parte dos alunos um interesse em aprender sobre a temática. Sempre que o tema escravidão é mencionado há uma curiosidade em saber além do que se é tratado na história tradicional e eurocêntrica. Essa curiosidade é despertada pelos professores que seguindo o cronograma não tomam um tempo para falar exclusivamente sobre isso, mas que continuam a proporcionar oportunidades de reflexão para os alunos.

Os alunos mostram esse interesse em questões como “porque os negros não resistiram a escravidão”, “porque deixavam fazer isso com eles”; “porque não se juntavam e escravizavam os brancos como forma de vingança”; “como lidaram com o pós escravidão”; “como a sociedade demorou para ‘acordar’ com relação a escravidão” ;perguntas que por si só mostram que o assunto poderia ser melhor desenvolvido na educação formativa deles, trabalhando mais a questão da luta dos negros e principalmente analisando esses tópicos pelo ponto de vista dos negros, trazendo uma visão que apresente os fatos que são comumente apresentados mas também trabalhando as lutas de resistência. No entanto, essa curiosidade mais aguçada também nos permite entender que para esses jovens a escravidão não foi legítima. As perguntas nos mostram que eles veem como o período da escravidão como absurdo. Mesmo que não haja um programa de ensino mais detalhado, nos momentos em que essas dúvidas surgem, os professores podem tratar a questão da História africana e afro brasileira de forma mais abrangente e consciente, dialogando diretamente com a realidade que os meninos presenciavam e trabalhando esse interesse para formação de consciência crítica.

Observar que existe iniciativa estudantil pelo questionamento acerca de questões centrais acerca da escravidão e do racismo, nos permite concluir que de alguma forma a temática está sendo tratada no desenvolvimento escolar ou que há ao menos dentro de seu núcleo familiar ou em comunidade, um diálogo sobre o tema ou a transmissão de conhecimento no tocante ao assunto estudado. Podemos tomar isso como algo positivo para o estudo de forma geral, pois mesmo no meio de uma luta tão grande é importante

tomar essas pequenas conquistas como inspiração para poder continuar buscando as melhorias necessárias para que possamos futuramente alcançar uma educação que vá tratar desses conteúdos de forma ampla e abrangente, que trate como um assunto que precisa ser discutido da mesma forma que atualmente discutimos temas convencionais da história brasileira como o processo de independência. São esses pequenos atos que nos mostram que desde a implantação da lei 10.639/2003, mesmo com todos os obstáculos para que a mesma saia do papel e se torne efetiva, há alguns avanços graduais que atravessam todas as dificuldades encontradas e se tornam oportunidade de conhecimento para esses alunos.

É importante pontuar que durante a observação ocorrida em sala de aula e conhecendo um pouco mais da história da escola escolhida, é possível ponderar como eles se importam realmente com o ensino dessas questões sem abrir mão das questões mais tradicionais. É comum no âmbito escolar que as escolas se preocupem com sua classificação de qualidade, com o momento em que são avaliadas a administração, metodologia e qualidade do ensino realizado. Dessa forma, se visa notas altas por parte dos alunos bem como aprovações e quantidade de formandos para além o aprendizado desses estudantes.

Outro ponto a ser ressaltado com relação a essa classificação, se dá juntamente ao requisito de que escolas de ensino fundamental e médio devem dar a seus colegas, um ensino voltado prioritariamente para a execução de vestibulares e ENEM, de forma que se sintam preparados a prestar o vestibular ao fim do terceiro ano e assim ingressar no ensino superior. A aprovação de alunos em vestibulares eleva muito o reconhecimento que é dado a uma instituição visto que na realidade atual esse ponto é um dos mais exigidos dentro da educação, que os discentes sejam capazes de memorizar os conteúdos e reproduzi-los corretamente nos momentos cruciais de escolha de carreira através das provas de aprovação. Assim, a escola Frei Egídio Parisi não se difere das demais nesse sentido, busca por boas notas de seus alunos assim como também foca em uma aprendizagem que permita que os alunos sejam aprovados em cursos superiores em grandes e renomadas universidades.

Levando isso em consideração, essa necessidade de aferir boas notas e resultados, temos em contrapartida que o ensino de História da África e cultura afro-brasileira não é crucialmente necessário nesses momentos, mesmo sendo um quesito obrigatório exigido por lei e fiscalizado pelo MEC. Dessa forma, quando presente em sala de aula durante a

análise, sempre que a temática surgia para ser tratada de forma direta, era explicado aos escolares que tal assunto é um quesito obrigatório.

Mesmo sendo um conteúdo não muito trabalhado os docentes dessa escola apresentam, mesmo que de forma velada, como foi possível observar no tempo de convivência do trabalho, a intenção de trabalhar esse assunto com uma dedicação que vá além de apenas cumprir com o que é obrigatório no currículo, uma intenção de que os alunos possam realmente aprender para além do básico, que criem essa consciência sobre o tema e criem também esse senso crítico em relação ao assunto. Foi visível que por parte dos alunos era entendido que os professores desejavam que aquele assunto realmente fosse discutido, problematizado e trabalhado. Esses momentos foram recebidos de uma forma muito leve, mas também muito séria, fazendo inclusive com que os alunos se interessassem mais pelo tópico e confessassem o interesse de realizar pesquisas em casa para que pudessem compreender o que havia sido dito de forma mais profunda, para que pudessem dominar mais essa questão e assim ter propriedade maior em falar sobre o assunto.

É interessante notar esse movimento por parte da escola, que eles acatam ao que diz a lei tratando o assunto como lhes é obrigado, mas que ainda assim demonstram esse interesse pelo tópico e passam isso para os alunos. Os estudantes tem consciência de que a escola os prepara para a aprovação acadêmica e sabe que durante seu ensino médio principalmente no último ano, o foco de seu ano escolar será majoritariamente conteúdos voltados para essas provas, assim, os tópicos acerca dos afro brasileiros e seus desdobramentos se apresenta como algo que foge da realidade e pressão estudantil vivida por eles e se torna assim um assunto mais confortável de ser trabalhado. Assim, na realidade analisada, vimos turmas conscientes desses tópicos e uma escola que está ciente de suas obrigações com o currículo, mas que vai além disso e mostra também que entende sua importância na formação desses adolescentes como cidadãos que precisarão encarar uma sociedade com muitas desigualdades e problemas raciais.

Um dos pontos que também foi possível analisar foi o ambiente fora da sala de aula. A observação das relações pessoais dos colegas uns com os outros foi menor que as aulas acompanhadas por conta da abertura para se analisar esse ponto, devido ao tempo proposto para observação e também a diferença de abertura tida com os professores e com os alunos. No entanto, foi possível notar que os colegas vivem bem entrosados, existe a formação de grupos menores entre eles, mas ainda assim não se viu a exclusão de nenhum

colega e em especial nenhum que havia sido excluído por conta de sua fisionomia ou cor de pele. Os estudantes se mostraram bem empáticos uns com os outros de modo geral se agrupando de forma diversa de acordo com afinidade e vivência. O ambiente de forma geral transparecia ser muito amigável e seguro para os indivíduos de diversas etnias e com as mais variadas características. Sempre que as discussões de cunho étnico racial surgiam, os alunos negros se mostravam confortáveis em falar sobre experiências vividas fora da escola e principalmente se sentiam respeitados pelos colegas, pelos professores e funcionários da escola. Reconheciam o aprendizado que precisava ser passado, mas se sentiam “em casa” enquanto a discussão ocorria pois acreditavam que estavam em um espaço seguro onde situações de racismo raramente aconteciam e quando ocorriam os mesmos sabiam que teriam apoio para se defender e reparar essa situação, mostrando assim uma postura relaxada, uma expressão de contentamento e atenção ao conteúdo sem estar com uma postura defensiva, preocupados com apontamentos e julgamentos.

Tendo acompanhado o aprendizado dos discentes e também um pouco de sua vivência ali dentro passou-se então a observar como os docentes e também a administração da escola se sentiam em relação aos pontos já mencionados nesse trabalho. Era necessário entender como os funcionários da escola se sentiam e portavam com relação a esse assunto, qual os seus sentimentos e pontos de vista para com o ensino de História da África e cultura afro brasileira. Dessa forma, tendo desde o início uma abertura muito grande para conversar tanto com os professores que foram acompanhados tanto com a direção da escola que se mostrou aberta a essa pesquisa dando todo o apoio necessário, diálogos foram estabelecidos para que se pudesse entender o seu ponto de vista, como adultos capacitados e exercer os respectivos cargos e levando em consideração sua formação e vivência até esse presente momento.

Respeitando o tempo que cada um tinha disponível, dadas as demandas de trabalho, foram realizadas entrevistas individuais para que se entendesse melhor como eles pensavam e se portavam diante de certos questionamentos e curiosidades que surgiram durante a observação que foi realizada. Algumas perguntas foram feitas, os mesmos questionamentos para os três professores que foram acompanhados e uma lista diferente para a direção. Esse momento de conversa se mostrou muito produtivo para que obtivéssemos respostas e pontos de vistas sobre os problemas que foram apresentados no capítulo anterior dessa pesquisa. Para manter o sigilo seus nomes serão preservados de forma que serão retratados aqui como professores A, B e C.

A entrevista foi realizada presencialmente através de uma conversa particular com cada um dos envolvidos, realizado na própria instituição no qual a pesquisa estava sendo desenvolvida. A primeira pergunta feita foi “como você, um profissional da área sente o clima nas aulas para além dos momentos que foi acompanhado, durante todo o ano letivo, com relação a temas raciais e questões sobre escravidão, preconceito, culturas e religiões afro brasileiras?” A professora A nos relatou que em suas aulas a primeira impressão dos alunos é de que será algo chato e que os mesmos já sabem tudo sobre o assunto, mas que essa postura vai mudando conforme avançam na discussão e descobrem que serão tratados pontos que eles ainda desconhecem. Contrapondo a isso, o professor B contou que há no geral uma grande participação da sala apresentando uma postura de indignação e descontentamento, mas isso não é unânime, existem alunos também que por motivos não ditos, acreditam que não há necessidade de tratar esse assunto dessa forma tão séria. Ele cita também que há por parte dos alunos negros uma vontade de falar mais e citar experiências trazendo para exemplo cultural a congada e até mesmo religiões afro brasileiras como a umbanda e o candomblé, trazendo sua cultura e realidade para dentro da sala. A professora C possui uma visão muito parecida com a trazida pelo professor B e nos conta que em suas aulas há um interesse maior por parte dos alunos negros em falar e contar sobre a sua realidade para o restante da sala e que os demais alunos mostram uma consternação com relação ao assunto por ser algo tão sensível de se trabalhar.

Se concluí então a partir dessa primeira pergunta que a maioria da sala é engajada e se mostra sensível e interessada no tema, mas que ainda assim encontra-se uma resistência nos alunos durante essa discussão por parte de alguns que não entendem a necessidade de se tratar com tanto afincamento as questões raciais e também a história dos negros, outros se mostram interessados mas não sabem muito sobre o assunto para comentar e dialogar com a sala como fazem os alunos negros que realmente vivenciam essa realidade. Outro ponto que podemos observar a partir dessa resposta é a forma como, por ser sempre ensinado os mesmos tópicos sobre esse assunto, os alunos ao avançar nos anos escolares começam a imaginar que o que já lhes foi dito é tudo o que se tem a saber acerca do tema e assim perdem o interesse em voltar a rever esse conteúdo. Eles se surpreendem ao perceber que há ainda muito a ser estudado quando se deparam com uma nova abordagem sobre o tema, uma abordagem mais humana e profunda, provando mais uma vez a importância de se debater o assunto.

Seguindo para a segunda pergunta, foi questionado então se “em sua experiência na escola, você sente que existem casos de racismo? Se sim, você acredita que seja por falta de um conhecimento mais profundo sobre o tema?” A professora A nos contou que existem sim casos de racismo dentro da escola, sendo mais comum entre os alunos e em sua maioria velados atrás da palavra “brincadeira” e tipo pelos pais como “coisa de criança”. Já o professor B nos traz outra vertente acerca dessa questão do racismo contando que já vivenciou também casos de racismo com os alunos mas de uma forma diferente, através de um trabalho que foi realizado onde os meninos cantaram um rap e filmaram o momento que foi postado nas redes sociais e houve comentários racistas com os participantes. Ele nos conta também que em uma partida de futsal organizada entre escolas, os jogadores do Frei Egídio foram chamados de macacos e a escola adversária se recusou a compartilhar uma nota de repúdio. Com esses casos em sua carreira, ele nos fala que não acredita que esse posicionamento seja por falta de um aprendizado profundo, mas por motivos de escolha, mesmo conhecendo a história, escolhem adotar esse posicionamento racista. A professora C nos responde que já presenciou casos de racismo tanto dentro quanto fora da escola e acredita que esses casos sejam algo estrutural.

É lamentável que se tenha essas respostas por parte daqueles que obtém mais experiências nesse ramo. Mesmo que durante o período de observação não se tenha notado nenhum caso desses presencialmente, essas respostas só nos mostram que os problemas com a questão do racismo ainda persistem, podem não ser notados todos os dias, mas acontecem. A fala da professora A que diz que os casos de racismo são muitas vezes camuflados como brincadeiras nos remete a um dos pontos de atenção que foi dito no capítulo anterior, a forma como os alunos tendo esse preconceito enraizado em si, trazido na maioria das vezes pelo exemplo de sua família e das relações sociais que experimenta, afeta diretamente seu pensamento e a forma como irá se relacionar com os demais colegas. Essa fala também acaba por corroborar com o que nos dizem os professores B e C, que apontam em sua opinião que o racismo é algo estrutural, vindo de fora da escola, intrínseco na sociedade.

Com essa visão obtida, se questiona então se medidas educacionais tivessem sido tomadas gerações antes, teríamos evitado esse problema? Teríamos agora uma parcela menor da sociedade praticando atos de racismo? É natural que avós, pais e responsáveis transmitam aos seus filhos aquilo que aprenderam e vivenciaram em sua época, então é provável que passem esse posicionamento adiante. Sabemos que medidas de combate a

esse comportamento têm sido tomadas, mas superar este problema definitivamente, significa também reparar os anos em que tal ponto foi negligenciado.

Sabendo da existência desses casos bem como da prática dessa discussão em sala de aula, pensamos então se estamos no caminho certo para corrigir esses atos discriminatórios e mudar a mentalidade dos jovens que ainda estão se formando. Confiamos que instruindo e ensinando essa nova geração que ainda está aprendendo será possível enfrentar o racismo no Brasil.

Seguindo então com os questionamentos sobre o racismo na escola, foram questionados sobre como “em casos de problemas raciais entre os colegas como você sente o posicionamento da escola? Há uma resolução clara e objetiva?” A professora A nos relatou que em seu pouco tempo trabalhando naquela escola, existe sempre a intenção de solucionar os problemas tomando as medidas necessárias para que esses alunos sejam devidamente punidos, além da iniciativa de professores em elaborarem campanhas juntamente a direção da escola para prevenir esse tipo de situação. O professor B, de acordo com sua vivência, nos apontou que nos casos que ele presenciou sempre houve por parte da direção da escola atitudes que visavam combater esses atos e punir de forma devida sempre que acontecessem estendendo isso a uma conversa com os professores para que utilizassem um tempo de sua aula não para prolongar o assunto mas para conscientizar e lembrar mais uma vez aos alunos de que o racismo é crime e uma postura não tolerada dentro da escola. A professora C corrobora com a visão dos outros dois professores e nos diz ainda que a escola busca sempre ouvir os dois lados da história e assim que esses casos são confirmados buscam as medidas cabíveis.

Sabemos que o ideal que se busca para a educação é de que não haja atos de racismo em ambientes escolares ou em qualquer outro, porém, sabendo que em nossa atual realidade ainda não alcançamos tal objetivo, é tido como algo positivo que a escola se posicione dessa forma tomando as medidas necessárias, se mostrando ciente da gravidade desses atos. É possível perceber através dessas conversas realizadas que os professores se sentem confiantes quanto a posição da administração da escola sabendo que como agentes diretos são eles a quase sempre presenciarem essas situações mas não são os responsáveis por aplicar as soluções necessárias, no entanto, confiam que seus superiores não deixarão que essas atitudes permaneçam impunes criando assim uma relação de cooperação em busca do mesmo objetivo.

A quarta pergunta teve como objetivo entender pelo viés dos profissionais se eles “sentem que o ambiente escolar proporciona um espaço confortável para dialogar sobre temas étnico raciais fora das datas comemorativas, dentro do conteúdo pré-estabelecido” para que se pudesse analisar o quão profundo essas discussões acontecem ao longo do ano letivo na instituição escolhida. A partir disso, obteve-se respostas positivas acerca do assunto, a professora A nos fala que nunca sentiu resistência por parte da escola em trabalhar essas questões, ela possui a liberdade de discutir e aprofundar o tema desde que esteja dentro do programa e alinhado com o conteúdo. O professor B relata que o ambiente é confortável para que esses assuntos sejam discutidos e que a escola além disso incentiva que realize esses momentos até mesmo utilizando os recursos que dispõe ou seja, utilizando músicas, vídeos e outros meios que possam enriquecer essa temática. A professora C nos conta o que seus colegas já afirmaram, que possui em suas aulas discussões constantes sobre o tema e sente que tem total liberdade e apoio para realizá-las.

Um dos maiores problemas encontrados no que diz respeito a história da África e cultura afro brasileira, se dá em função da programação escolar ser sempre muito engessada em torno dos conteúdos que devem ser tratados, conteúdos que muitas vezes são trabalhados tendo em vista a aprovação de alunos em sua jornada rumo a universidade. Saber que há um espaço para que se possa ter essa discussão de forma ampla e abrangente é um ponto a ser comemorado. Não há muito tempo discussões como essas seriam tidas como uma perda de tempo, uma fuga desnecessária ao tema principal considerado mais importante para as aulas de História e outras matérias que possuem essa abertura para a temática. Dessa forma, podemos constatar que o progresso rumo a uma educação de qualidade e respeito para com os negros está acontecendo nos pequenos detalhes, sendo transformado de dentro para fora, ganhando força para que se rompa com o racismo estruturado dentro da sociedade brasileira. É uma caminhada longa e dura, mas ao mesmo tempo é uma trajetória onde não se verá o resultado apenas no final, mas terão vestígios ao longo do caminho provando as melhorias, e são esses vestígios que dão forças para continuar persistindo nesse desafio.

Seguindo com a conversa, notou-se então que há por parte da estrutura escolar essa disposição em trabalhar o assunto, dessa vez a pergunta feita queria saber se “você como professor, em sua experiência individual se sente confortável em tratar o tema dentro da sala de aula?” A professora A nos disse não ter nenhum problema em trabalhar

esse assunto, mas que entende que esses momentos podem gerar conflitos com as famílias dos estudantes embora nunca tenha acontecido na escola Frei Egídio. O professor B concorda com seu posicionamento dizendo se sentir bem também e a professora C nos acrescenta que até em assuntos ainda mais delicados como religiosidades africanas ela se sente muito confortável para tratar o tema.

É importante termos profissionais dispostos e confortáveis a encarar esse assunto de forma tranquila dentro da sala de aula. Como já dito em momentos anteriores, muitas pessoas racistas se posicionam assim por escolha própria, para além do conhecimento que possuem, assim, se uma dessas pessoas com posicionamento racista estivesse presente dentro da sala de aula para abordar esse assunto, com certeza teríamos um teor diferente nas discussões. Além disso, ainda que muitas pessoas não pratiquem nenhum ato racista, pode haver um desconforto em trabalhar o tema, sem saber como abordar tal tópico por causa de sua delicadeza transformando todo o momento em algo constrangedor e desconfortável. Ter profissionais em condições para tratar o tema passa também aos alunos a sensação de naturalidade, de que aquele é importante e que é possível analisá-lo de uma forma corriqueira.

Ainda sobre a dinâmica em sala de aula foi questionado se “com relação aos alunos há um interesse em saber mais sobre o tema? Uma curiosidade que vá além do que se é tratado e do tempo que tem para isso, eles se sentem instigados a continuar procurando sobre o assunto fora da sala de aula?” Quanto a resposta para essa questão há uma concordância entre os três profissionais, afirmando que há sempre o interesse quando essas discussões são colocadas e eles apresentam exemplos, buscam situações que podem tornar a aula mais próxima de sua realidade, mas que para além desse momento não sentem eles engajados a realizar uma pesquisa individual e por vontade própria. O motivo disso não se relaciona com a natureza do tema, mas sim com as características dessa geração atual desinteressada em buscar individualmente por vários assuntos, sejam eles sobre história, física ou geografia, eles tendem a querer tudo pronto para que seja absorvido e por isso não se esforçam para compreender mais sobre o assunto fora dos muros da instituição escolar.

A partir das respostas adquiridas até então, entendendo o posicionamento dos professores, da administração e dos alunos foi posta a eles a questão sobre o material utilizado em sala de aula, para que se pudesse concluir sobre esse instrumento de suma importância dentro da dinâmica escolar, questiona-se então “sobre os livros didáticos,

você sente que eles oferecem um apoio para falarem sobre esses assuntos ou mantêm uma versão eurocêntrica tratando o mínimo sobre África e sua história para fora do tema escravidão?”. A professora A nos conta que durante um tempo passado notou-se a tentativa de colocar esses temas dentro dos livros didáticos de forma mais multiculturalista e abrangente, porém os materiais que utilizam desde 2016 até o presente momento apresentam uma versão muito rasa sobre o assunto. O professor B nos aponta que apesar do livro escolhido para ser trabalhado durante os quatro anos vigentes, ele utiliza um diferente como referência e baseia seu ensino no seu conteúdo, sendo este o livro o “Sociologia em Movimento” da editora Moderna. Em sua opinião é o livro mais completo e que apresenta as pautas de forma mais abrangente possuindo três capítulos completos sobre o assunto. . A professora C relata que os livros ainda são muito superficiais no que diz respeito a essa questão e que a visão eurocêntrica do assunto ainda predomina.

A questão em torno dos livros didáticos ainda é preocupante se pensarmos no tempo desde que foi implantada a lei 10.639/2003, duas décadas se passaram sem que se notasse uma melhora significativa nos conteúdos abordados nos livros didáticos. Não somente os materiais utilizados pela escola Frei Egídio como os mais populares distribuídos por todo o país ainda são livros que dão pouca importância a história da África e seu desenvolvimento bem como a história dos negros e seus descendentes.

As respostas obtidas nos remetem à pesquisa de Adínia Santana Ferreira que nos mostra como os livros mais distribuídos apresentam ainda capítulos minúsculos sobre a história africana e seu desenvolvimento, muitas vezes nem apresentam capítulos que sejam inteiramente destinados a esse assunto. Em vários volumes é possível encontrar o desenvolvimento africano sendo contado dentro de capítulos que tratam sobre o enriquecimento e a expansão europeia de forma que nos prove o quanto ainda se relaciona a história dos dois continentes tendo a Europa como agente principal de mudança e evolução e descartando toda a trajetória da África crendo que seu único ato importante para a história foi fornecer escravos para que demais países e continentes pudessem se desenvolver. Isso nos mostra então os desafios que ainda devem ser enfrentados para que continuemos progredindo na educação escolar de crianças e jovens, professores e instituições se mostram dispostas a lutar por esse ensino criando momentos de discussões e conscientização de forma que é necessário que tenham um bom material para se apoiar e elaborar suas aulas.

Entendendo então a dinâmica da sala de aula e dos mecanismos escolares, seus pontos fortes e os desafios que ainda se mostram presentes, passamos para a reta final da entrevista onde se procura entender mais sobre a formação e o pensamento dos professores como agentes de mudança. A próxima pergunta feita foi sobre a formação acadêmica dos educadores questionando a eles “como profissional da área, você sente que sua formação te deu instrução suficiente para trabalhar a história africana e afro-brasileira de forma completa?” A professora A nos conta que durante sua formação quase não houve matérias ou oportunidades para que se aprendesse sobre o assunto de forma plena e quando esses momentos aconteciam ainda eram tratadas a partir de textos de autores europeus de forma que faltou muito embasamento para sua formação. Ela conseguiu aprender mais participando de eventos, pesquisas e matérias de núcleo livre. A professora C nos conta quase a mesma versão dos fatos relatando que em sua experiência individual de formação o conteúdo sobre esse tema foi quase inexistente tendo que adquirir conhecimento quando já estava licenciada, buscando aprender sozinha. O professor B por sua vez, fala que em seu tempo universitário houve matérias destinadas a discutir esse assunto para que pudessem adquirir conhecimento e para além disso ele sempre foi um profissional que se interessou muito por esse tema e assim buscava sempre aprender mais por iniciativa própria.

Outro problema encontrado se dá na formação acadêmica oferecida para os docentes. Nos dias atuais é possível ver que existem matérias destinadas a História da África e outras que abrangem cultura e lutas afro brasileiras, mas ainda assim, se comparados a outros conteúdos abordados de forma obrigatória é um ponto ainda pouco desenvolvido. Se pensarmos então em alguns anos atrás encontraremos formações ainda mais incompletas nesse quesito levando então para a sala de aula professores que não possuem o entendimento necessário para tratar do tema com propriedade. Mesmo considerando a necessidade da formação continuada é muito importante ter uma base de conhecimento que permita que os estudos posteriores venham ter melhor aproveitamento. Assim, seria necessário que os currículos acadêmicos trouxessem matérias em maiores quantidades para tratar desse ponto oferecendo uma capacitação vasta dando aos estudantes uma maior gama de matérias.

Seguindo com essa linha de perguntas a penúltima realizada foi para entender sobre as formações continuadas tendo em vista a implantação da lei que previa a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar do

ensino fundamental e médio. Assim, questionou-se “com a lei 10.639/2003 houve alguma formação continuada ou alguma instrução que te ajudasse a se adequar ao que a lei estava propondo para a sala de aula?” A professora A nos contou que não teve nenhuma oportunidade de participar de formação continuada que a ajudasse, enquanto os professores B e C disseram que conseguiram participar desses momentos através de formações organizadas pela secretaria de superintendência, secretaria de ensino, PIBID Afro da UFU e Neab.

Se levarmos em consideração a formação universitária e os livros didáticos que são os apoios que os profissionais tem para embasar e planejar sua aula, esses momentos de continuidade nos estudos são necessários para que eles se adequem e se tornem aptos a trabalhar o assunto de forma extensa. As instituições bem como os órgãos da educação devem ser responsáveis por promover mais esses momentos e garantir que os professores tenham a chance de participar e adquirir esse conhecimento extra. Queremos que uma mudança aconteça dentro da sala de aula e precisamos para isso auxiliar e transformar primeiro os agentes que serão responsáveis por instruir e ensinar esses alunos.

A última pergunta realizada para que pudéssemos finalizar a conversa com os professores, tinha a intenção de procurar entender como eles enxergam a importância desses diálogos dentro das escolas, assim, foi questionado se “acreditam que em meios a tantos desafios poderíamos abrir mais espaço para falar sobre questões étnico raciais? Acredita ser fundamental para a educação e desenvolvimento dos alunos em sociedade?” A professora A finalizou nossa conversa respondendo que acredita que devemos sim continuar criando momentos para conversar e aprender sobre essas questões pois como uma sociedade construída por povos afro brasileiros não podemos entender a história brasileira corretamente sem tais momentos. O professor B nos diz que é preciso ter mais espaço para que possamos trabalhar esses temas que são tão importantes para a história da nossa sociedade e nos relata ainda que há tão pouco tempo para se ensinar isso para os alunos e ainda sim é possível criar algumas oportunidades, imagine o que não seria possível fazer se tivéssemos um tempo maior para trabalhar essa questão? A professora C finaliza essa etapa concluindo que é necessário que tenhamos tempo para trabalhar a temática de forma mais ampla e principalmente de uma forma que torne essas discussões tópicos do dia a dia, tornando algo cotidiano que esteja ligado à nossa realidade e assim seja possível diminuir os casos de racismo que tanto presenciamos hoje em dia.

Ficou claro que os professores envolvidos nessa pesquisa, desejam muito fazer mais pelo ensino, suas respostas nos mostram seus esforços para que possam realizar um trabalho consistente mesmo com o pouco tempo e poucos recursos que possuem. A pesquisa mostra como eles tem a esperança e confiam que se pode ainda obter uma educação melhor, mais respeitosa, consciente e com abertura para se tratar questões tão importantes. Ter a frente das salas de aula profissionais tão competentes e conscientes de sua posição e influência na vida de tantas crianças e jovens nos dá a certeza que mesmo em meio a tantos desafios e adversidades os estudantes terão em sua educação a consciência da relevância desse assunto e de sua importância, mesmo que atualmente não seja possível fazer mais, fazer com que saiam da escola com domínio abrangente da temática, eles saem conscientes da relevância seus atos na vida coletiva.

Um dos pontos que chamaram atenção durante a conversa com os professores escolhidos foi a menção às redes sociais da escola como uma forma de promover os trabalhos realizados pelos alunos bem como apresentar para a sociedade de Uberlândia o que eles realizam. Essa relação entre a escola e a comunidade é extremamente fundamental para que se possa de forma mais ampla alcançar uma educação de qualidade. Isso porque é importante que pais e responsáveis estejam cientes do trabalho desenvolvido com seus filhos e estejam dispostos a participar e incentivar que boas atividades sejam feitas. Dessa forma, as redes sociais são uma ótima forma de se aplicar essa relação buscando um bom entrosamento entre a instituição e as partes externas que compõem o todo.

Entende-se que as redes sociais nos tempos atuais são ferramentas de propagação rápida de informações e muito influente entre pessoas de todas as idades. A sociedade brasileira em sua grande maioria possui acesso as redes sociais e usufruem dela para se entreter, obter atualizações sobre o que acontece no mundo e com pessoas influentes além de estabelecer relações com outros seres humanos. É ótimo que a escola se preocupe em manter essas redes atualizadas e assim permita que seus feitos sejam vistos de forma simples e rápida.

Contando com pouco mais de 5.200 seguidores, o instagram da Escola Frei Egídio Parisi apresenta uma diversidade de postagens que vão desde os trotes que os alunos fazem em seu último ano do ensino médio até os trabalhos, feiras e manifestações realizadas por eles. Mostra também a rotina dos estudantes, os momentos de conscientização feitos e ajustes e reformas que a própria instituição precisa realizar. É

possível notar então que a plataforma é sempre atualizada e mostra diversas nuances do que ocorre dentro dos muros da escola mostrando muito do seu dia a dia e da realidade do que os discentes vivem dentro e fora da sala de aula durante seu tempo naquele local.

Para o tema que buscamos analisar nessa pesquisa essa ferramenta de rede social é interessante para que se possa mostrar para a comunidade os trabalhos que são feitos para se opor ao racismo. Mostrar aos responsáveis e demais pessoas que a escola se preocupa em combater essas atitudes pode ajudar a buscar o apoio deles que ao ver o filho tendo esse tópico trabalhado incentive o assunto, converse sobre e apresente novos pontos de vista que permita que esse estudante veja que ao assunto vai para além da sala de aula alcançando o campo da vida real. Para os pais que por ventura podem não apoiar esse tipo de discussão, mostrar as atividades realizadas pode ser uma forma de mostrar a eles a importância do tema e fazer com que entendam que nenhum posicionamento a favor do racismo deve ser aceito tanto dentro da escola quanto fora dela.

Tendo finalizado o acompanhamento das aulas bem como a conversa com as partes envolvidas foi possível obter as respostas para os questionamentos postos para a observação antes desse período começar. A escola desde o primeiro momento em que a pesquisa foi proposta se mostrou muito aberta a auxiliar e responder tudo o que era questionado, se mostraram abertos ao diálogo, aceitaram o estudo como algo positivo reconhecendo sua validade e tratando o mesmo com respeito e empatia. Esse posicionamento favoreceu para que a pesquisa seguisse de forma muito natural e confortável provando desde o início que a instituição escolhida possuía um ambiente muito confortável para todos aqueles que desfrutavam de seu convívio. Alunos, professores, funcionários, coordenadores e todo o corpo que compõem o colégio apresentam uma relação de convívio amigável sendo sempre solícitos uns com os outros.

Essa percepção do ambiente em que estávamos não altera, no entanto, o fato de que mesmo sendo uma instituição próspera em seus relacionamentos alguns problemas ainda se apresentam com relação ao tópico que estava sendo observado desde o início sobre o desenvolvimento do ensino de História da África e afro brasileira. Ainda é possível perceber os desafios que assim como todas as outras escolas, essa em questão também enfrenta. Sabemos que o racismo é um tópico muito delicado de ser tratado e se torna complicado combatê-lo a partir do momento em que se percebe como o mesmo está estruturado dentro da sociedade brasileira. Dessa forma não é anormal que uma escola infelizmente ainda apresente casos de racismo entre os alunos. Como já dito

anteriormente, os jovens que frequentam a instituição escolar possuem vivências externas com sua família e amigos, de modo que ao começaram sua trajetória como estudantes já carregam consigo conceitos e princípios nos quais acreditam.

O que se pode concluir a partir das observações feitas é o posicionamento da escola em frente as diversidades que aparecem. Tanto professores como outros indivíduos responsáveis pelos estudantes mostram um posicionamento contra o racismo e conscientes de seu papel na vida desses jovens para trabalhar esse assunto e passar conhecimento a eles. Mesmo que os atos de racismo ainda existam, sempre que são notados há uma tomada de atitude que busca corrigir esses atos não somente através da punição, mas também com a conscientização para que não volte a acontecer. Sabemos que a luta contra a discriminação racial não é algo rápido de ser resolvido por motivos já discutidos anteriormente, assim, cada passo por menor que seja é uma vitória nesse caminho e para que possamos chegar onde almejamos é preciso continuar com essa luta constantemente.

É correto dizer que um problema estrutural como esse deve ser combatido através da conscientização e da educação. Para lidar com o racismo é importante que medidas em questão de justiça e correção sejam tomadas para proteger as partes atingidas, mas com relação a criação de uma sociedade consciente de sua diversidade e respeitosa para com os outros, a educação é o caminho mais correto e efetivo. Com relação a isso, a escola tem realizado um trabalho excepcional enfrentando as diversidades, apresentando tantos pontos para que os alunos possam entender a dimensão do assunto e trabalhando todas essas questões da forma que conseguem. É possível constatar que se houvesse mais tempo para que a temática fosse discutida resultados mais amplos seriam alcançados, mas atualmente em meio a sociedade que vivemos e aos parâmetros que a educação estabelece e que devem ser cumpridos, a Escola Frei Egídio Parisi se adequa muito bem e cumpre com suas obrigações para com a educação indo além do que lhe é conferido, ensinando aos alunos com carinho, respeito, confiança e seriedade, buscando assim o que nós esperamos alcançar para a sociedade brasileira, uma educação diversa, respeitosa e valorize cada vez mais a sua diversidade.

Conclusão

Com a pesquisa de campo foi possível analisar vários pontos que haviam sido propostos e a partir disso chegar a algumas conclusões no que diz respeito ao ensino de História sobre a África e os afro brasileiros. Foi possível por meio da análise teórica e prática entender melhor os problemas que envolvem nossa atual formação brasileira.

Considerando a falta de informação nos livros didáticos para se falar sobre o assunto, o pouco tempo e os poucos recursos podemos concluir que os professores precisam criar oportunidades que até então não existiam para, de alguma forma, promover esse conhecimento junto aos alunos. Nota-se assim que o esforço que deveria ser de todos, inclusive dos órgãos responsáveis pela educação para que se tenha um ensino abrangente e diverso, é feito majoritariamente por aqueles que não possuem tanto poder em grande escala, mas que ainda assim tentam o seu melhor para vencer a barreira do racismo.

Assim, mesmo amparados pela atual lei 10.639/2003 que é de fato uma lei muito importante para nossa história, passado, presente e futuro, ainda existem muitas barreiras que nos impedem que essa lei saia do papel e seja contemplada na prática. Isso porque mesmo amparados por essa norma, ela não é tida como foco dentro da formação educacional dos alunos. Como observado, as instituições escolares tem tido como principal objetivo a aprovação de seus alunos em universidades e cursos superiores que os formem como profissionais para o mercado de trabalho. Dessa forma, os conteúdos abrangidos nas matérias são aqueles mais cobrados nos vestibulares e, portanto, os que devem ser decorados pelos estudantes, deixando de lado assim a questão étnico racial que por ser um assunto delicado, e por vezes problemático, não é cobrado tão frequentemente nesses testes, ou apenas reproduzem visões eurocêntricas.

Podemos então pensar como a educação brasileira tem sido tratada. Como optamos por dar preferência a aprovações em vestibulares do que ao detrimento de formar uma sociedade que entenda sua história, e valorize os povos que não somente construíram o país como formaram a sociedade diversificada que vemos atualmente. Estamos vivenciando uma época em que educar os jovens tem sido um verdadeiro desafio entre respeitar os cronogramas que são passados pelos órgãos responsáveis ou trabalhar os conteúdos de uma forma mais humana que nos permita realmente educar os jovens

para se tornarem para além de bons profissionais, pessoas conscientes com um senso crítico aguçado e que saibam respeitar as diferenças.

Esta pesquisa nos permitiu perceber que como educadores não apenas devemos valorizar as dimensões africanas da história brasileira, como também precisamos nos preocupar com a forma como estamos problematizando a inserção desses jovens na sociedade. Como profissionais, nosso desafio não se restringe a lutar contra a corrente da história eurocêntrica, mas também precisamos lutar para uma educação mais humanizada, mais consciente de seu papel e do seu peso na vida de cada estudante. Não se pode considerar o conhecimento importante apenas para se preparar para exames, mas lembrar que o conhecimento é uma forma de provocar mudanças positivas no mundo. Como responsáveis pela educação brasileira é preciso estabelecer uma relação de confiança, uma educação que aproxime os indivíduos ao invés de separá-los ainda mais.

Portanto, concluímos que a educação dada pela Escola Estadual Frei Egídio Parisi enfrenta todos esses desafios, mas apresenta esse caráter mais consciente de seu papel na vida de tantos jovens e adolescentes. Mesmo se preocupando com as mesmas questões que são consideradas importantes nos parâmetros gerais, eles apresentam e defendem práticas de conscientização dos alunos bem como o combate diário ao racismo. Sendo uma escola renomada por oferecer um ensino de qualidade, ela também se preocupa em promover os conhecimentos históricos de forma a trabalhar criteriosamente a história dos africanos e afro brasileiros. Assim o trabalho realizado ajuda a formar jovens que não compactuam com o racismo tão presente na realidade que vivemos, mostrando que é possível que se cumpra com os cronogramas estabelecidos, busque boas aprovações educando com responsabilidade e principalmente respeito as diversidades.

Com base no que foi possível analisar, sempre podemos pensar em formas de melhorias para que possamos continuar prosseguindo na luta por uma educação de qualidade. Não se pode deixar de pensar como poderíamos transformar todo o ensinamento de História se a história dos negros, africanos e afro brasileiros, fosse tratada com maior importância e cuidado. Sabendo que a luta é difícil e os resultados vão se mostrando de forma gradual e lenta, não se pode exigir que esse problema seja resolvido tão rápido com medidas drásticas se levarmos em consideração o racismo estrutural da realidade brasileira, mas com pequenos passos é possível incentivar essa mudança. Se tivéssemos todos essa mesma prioridade poderíamos começar a transformar pequenas coisas, como por exemplo o livro didático. Sendo tão importante para o dia a dia dentro

da sala de aula eles apresentam pouquíssimo ou nenhum material que trata sobre história africana e afro brasileira e quando o fazem se limitam a tratar esses fatos pelo olhar de dominação da escravidão. Como poderíamos ser mais inclusivos nos livros didáticos? Quais mudanças poderíamos observar no dia a dia se os alunos a pudessem analisar história dos negros sem o viés eurocêntrico?

Além disso, poderíamos realizar pequenas mudanças não só dentro dos muros da instituição como também pensar na formação dos professores que irão posteriormente ser responsáveis por esses alunos. Como visto na entrevista realizada com os professores envolvidos, eles buscam aprender mais sobre o assunto para trabalhar ele em sala de aula por iniciativa própria. Após duas décadas da promulgação da lei 10.639/2003 seria necessário que fossem ofertados mais cursos de formação continuada para sanar essa questão de formação dos professores Por que mesmo após tanto tempo ainda falta auxílio para os profissionais? Isso evidencia o quanto ainda estamos longe de vivenciar os efeitos práticos dessa lei.

Por último precisamos pensar ainda porque a historiografia brasileira mobiliza poucos autores africanos. Pesquisadores africanos ainda são pouco conhecidos tanto entre os formandos da área e mesmo entre profissionais já formados. Considerando essa uma grande barreira, é possível indagar o quanto poderíamos enriquecer nossos debates e trabalhos se trouxéssemos o ponto de vista africano para as discussões. Com trabalhos ricos e que podem acrescentar muito em nossa historiografia questiono, o quanto estamos deixando passar por desconhecer obras e autores especializados no que apresentam visões diferentes e possuem trabalhos tão bem realizados sobre o tema?

Estamos em meio a uma luta árdua, gradual e que está longe de acabar. Ainda é preciso realizar várias mudanças bem como se manter firme no propósito sem perder a fé de que é possível alcançar o objetivo. Repensar o passado, a história dos povos que lutaram tanto por esse Brasil é mais do que uma vontade daqueles que entendem do assunto, mas uma necessidade de reconhecimento histórico para a construção de uma nação que valorize a sua diversidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio da. Racismo Estrutural, feminismos plurais. 1ª edição. Editora Jandaíra: 2019.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/ME, 2003.

CAMPOS, Maria Natielly Soares. et al. A importância do ensino da cultura africana e afro-brasileira: um dever da família, da escola e da sociedade. Rio de Janeiro: 2021.

CARDOSO, Salete Rodrigues; FEITOSA, Diane Mendes. O ensino da história e cultura afro-brasileira nos currículos oficiais: desafios na formação docente. 2015.

FRANCO, Cristina Perales. Abordagem etnográfica à convivência na escola. Porto Alegre: 2018.

FERREIRA, Adínia Santana. A história da África nos livros didáticos: reflexões sobre PNLD 2018. Brasília: 2021.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

GRIJÓ, Danielle Porto Sylvestre. O infográfico na sala de aula: uma experiência multimodal.

LIMA, Hanna Karoline Macedo de. A importância de trabalhar o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. Cabaceiras: 2016.

MARTINS, Davi Silvestre Fernandes. A Lei 10.639, o cotidiano escolar e as relações étnico-raciais: um estudo de caso. Rio Claro: 2010.

MARTINS, Davi Silvestre Fernandes; SALLES, Leila Maria Ferreira. A inserção da história e cultura afro-brasileiras no cotidiano escolar: um estudo de caso. São Paulo.

SILVEIRA, Dienifer Araújo da. A inserção da história e cultura afro-brasileira nas escolas da rede municipal de Criciúma: dificuldades e estratégias. Criciúma: 2010.

SILVA, Maria Rejane da; MOREIRA, Harley Abrantes. Religiões afro-brasileiras em sala de aula a partir da análise de uma turma de educação de jovens e adultos.

SILVA, Rosana Barreiros da. Intolerância religiosa às religiões afro-brasileiras. Juiz de Fora: 2017.

LINKS

<https://padlet.com/gilsonracjunior/v-deos-descri-es-e-coment-rios-que-conscientizam-ip6ucuhv2t1s3716>

<https://freisite.vercel.app>